

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE ESTADO-MAIOR CONJUNTO**

2020/2021



TII

**A CHINA DE 2021 FACE À SEGURANÇA E DEFESA DA UNIÃO
EUROPEIA NO DOMÍNIO COGNITIVO**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A
FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO
SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS
FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL
REPUBLICANA.**

**Pablo Vázquez Edo
MAJOR, CAVALARIA**



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

A CHINA DE 2021 FACE À SEGURANÇA E DEFESA DA
UNIÃO EUROPEIA NO DOMÍNIO COGNITIVO

MAJOR, CAVALARIA Pablo Vázquez Edo

Trabalho de Investigação Individual do CEM-C 2020/2021

Pedrouços 2021



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
A CHINA DE 2021 FACE À SEGURANÇA E DEFESA DA
UNIÃO EUROPEIA NO DOMÍNIO COGNITIVO

MAJOR, CAVALARIA Pablo Vázquez Edo

Trabalho de Investigação Individual do CEM-C 2020/2021

Orientador: CAPITÃO-TENENTE, MARINHA Dinis Filipe Vargas Cabrita

Pedrouços 2021



Declaração de compromisso Antiplágio

Eu, **Pablo Vázquez Edo**, declaro por minha honra que o documento intitulado *A China de 2021 face à segurança e defesa do domínio cognitivo da União Europeia*, corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida, enquanto auditor do **Curso de Estado-Maior Conjunto 2020/2021** no Instituto Universitário Militar, e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, **29 de junho de 2021**

Pablo Vázquez Edo





Agradecimentos

À minha família, origem e destino de todos os meus esforços.

Ao Capitão-Tenente Cabrita, que diligentemente adaptou as suas orientações aos tempos de pandemia.

À todos os que colaboraram ao bom sucesso de um Curso de Estado-Maior Conjunto adaptado à nova realidade.



Índice

1. Introdução	1
2. Enquadramento teórico e conceptual	7
2.1 Estado da arte	7
2.2 Modelo de análise	9
3. Metodologia e método	10
3.1 Metodologia	10
3.2 Método	10
3.2.1 Participantes e procedimento	10
3.2.2 Instrumentos de recolha de dados	11
3.2.3 Técnicas de tratamento dos dados	12
4. Evolução da economia chinesa	13
4.1 Descrição dos dados macroeconómicos	13
4.2 Análise dos acordos comerciais desenvolvidos pela RPC no ano 2020	17
4.3 Síntese conclusiva	22
5. A futura ordem mundial segundo a RPC	24
5.1 Descrição da mentalidade chinesa	24
5.2 Análise da visão de futuro que a RPC tem para o mundo	27
5.3 Síntese conclusiva	28
6. Possibilidades da RPC de influenciar no espaço cognitivo europeu	30
6.1 Descrição da relevância da guerra das perceções	30
6.2 Análise das mensagens que a RPC pretende difundir	32
6.3 Síntese conclusiva	36
7. Conclusões	38
Referências bibliográficas	41

Índice de Apêndices

Apêndice A- Análise de conteúdo	Apd A-1
Apêndice B – Entrevistas	Apd B-1



Índice de Figuras

Figura 1- Comparação das projeções do PIB nas regiões mundiais.....	16
Figura 2 - Investimento estrangeiro direto chinês em 2018.....	17
Figura 3 - Mapa da <i>Belt and Road Initiative</i>	19
Figura 4 - Categorias do projeto <i>Digital Silk Road</i>	20
Figura 5 - Membros do RCEP e do CPTPP.....	21
Figura 6 - Áreas coloniais de influência na China imperial	25
Figura 7 - Questionário para as entrevistas.....	Apd B-4
Figura 8 – Resposta 1 ao questionário.....	Apd B-6
Figura 9 - Resposta 2 ao questionário	Apd B-7
Figura 10 - Resposta 3 ao questionário	Apd B-8
Figura 11 - Resposta 4 ao questionário	Apd B-9
Figura 12 - Resposta 5 ao questionário	Apd B-10
Figura 13 - Resposta 6 ao questionário	Apd B-11
Figura 14 - Resposta 7 ao questionário	Apd B-12

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Evolução da população entre 1800 e 2019.....	13
Gráfico 2 - Comparação do índice da presença global da China, EU e EUA.....	14
Gráfico 3 - Evolução do PIB chinês e contribuições.....	15
Gráfico 4 - 10 maiores contribuintes de tropas para as missões da ONU.....	18
Gráfico 5 - Opiniões atuais sobre a qualidade de vida da geração a seguir.....	33
Gráfico 6 - Evolução da perceção positiva e negativa da China	34
Gráfico 7 - Resultados por segmentos da análise documental.....	Apd A-8
Gráfico 8 – Resultados aos inquéritos 1 e 2.....	Apd B-3
Gráfico 9 - Resultados ao inquérito 3.....	Apd B-4

Índice de Quadros

Quadro 1- Objetivos específicos e questões derivadas.....	9
Quadro 2 – Objetivos específicos e resto de fatores do modelo de análise.....	9
Quadro 3 - Principais parceiros comerciais da EU.....	22
Quadro 4 - Análise de conteúdo.....	Apd A-3



Índice de Tabelas

Tabela 1- Comparação das projeções do PIB nas potências económicas	16
--	----



Resumo

No presente trabalho estabelece-se como objeto da investigação a nova posição da República Popular da China (RPC) na ordem mundial pós-covid. Constitui-se objetivo geral estimar em que medida esta nova posição suporá uma ameaça à segurança e defesa da União Europeia (UE) no espaço cognitivo.

O estudo desenvolve-se com base numa estratégia qualitativa inserida num raciocínio dedutivo. Nesse marco, realiza-se um estudo de caso, no que a unidade de estudo é a política dos negócios estrangeiros chinesa. Define-se as atuações no domínio cognitivo europeu como o comportamento que se deseja estudar.

Conclui-se que a RPC tenta atuar com base em três linhas de influência no espaço cognitivo europeu. Em primeiro lugar, visa deslegitimar a ordem internacional estabelecida, fundamentalmente através da deslegitimação histórica e moral. Em segundo lugar, tenta mostrar as fraquezas dos sistemas europeus através da geração de desconfiança nos partidos e dirigentes políticos, assim como no futuro da Europa. Por fim, tenta divulgar as virtudes do sistema chinês através de propaganda da sua tradição pacifista e da criação de uma imagem de país solvente, confiável e eficaz.

Palavras-chave: República Popular da China; domínio cognitivo; influência; guerra das percepções.



Abstract

In the present work, new position of People Republic of China (PRC) in the post-covid world order is established as the object of the investigation. The general objective is to estimate how this new position will pose a threat to the security and defense of the European Union's cognitive space.

The study is developed based on a qualitative strategy inserted in a deductive reasoning. Within this framework, a case study is carried out, in which the study unit is the Chinese foreign affairs policy. The behavior to be studied encompass the actions over the European cognitive domain.

It is concluded that the PRC tries to act based on three lines of influence in the European cognitive space. First, it seeks to delegitimize the established international order, fundamentally through historical and moral delegitimization. Second, it tries to show the weaknesses of European systems, by generating distrust in political parties and leaders, as well as in the future of Europe. Finally, it tries to publicize the virtues of the Chinese system through propaganda of its pacifist tradition and the creation of an image of a solvent, reliable and effective country.

Key-words: *Popular Republic of China; cognitive domain, influence; perceptions war.*



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

BRI:	<i>Belt and Road Initiative</i>
CEM-C:	Curso de Estado-Maior Conjunto
COVID-19:	Doença Coronavírus 19
CPTPP:	<i>Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership</i>
EUA:	Estados Unidos da América
DSR:	<i>Digital Silk Road</i>
Hybrid CoE:	<i>European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats</i>
IEEE:	Instituto Espanhol de Estudos Estratégicos
IISS:	<i>The International Institute for Strategic Studies</i>
IoT	<i>Internet das coisas</i>
NATO:	<i>North Atlantic Treaty Organization</i>
OE:	Objetivo Específico
OG:	Objetivo Geral
ONU:	Organização das Nações Unidas
PCC:	Partido Comunista Chinês
PIB:	Produto Interno Bruto
PRC:	<i>People Republic of China</i>
QC:	Questão Central
QD:	Questão Derivada
RCEP:	<i>Regional Comprehensive Economic Partnership</i>
RPC:	República Popular da China



TII: Trabalho de Investigação Individual

UE: União Europeia



1. Introdução

O presente trabalho de investigação individual (TII) subordina-se ao tema *A China de 2021 face à segurança e defesa da União Europeia no domínio cognitivo*. O referido TII insere-se no âmbito das Ciências Militares, designadamente, na área de estudos das crises e dos conflitos armados, na subárea da geopolítica (Ministério da Defesa, 2017, p. A-1).

Segundo as palavras referidas por Joschka Fischer, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Vice-Primeiro-Ministro da Alemanha entre os anos 1998 e 2005, publicadas no jornal digital *NewEurope* no dia 31 de janeiro de 2020:

In geopolitical terms, Trumpism, the rise of China, and Russian revisionism – which takes the form of military aggression, owing to Russia's weakening economic base – have left Europeans with no choice but to pursue great-power status. The current wave of technological innovation has further strengthened this imperative. Digitalization, artificial intelligence, big data, and (possibly) quantum computing will determine what the world of tomorrow looks like, including who leads it. (Fisher, 2020)

Naquela altura, a pandemia provocada pela COVID-19 já era uma ameaça a ter em conta, mas a incidência real e as consequências na Europa ainda não tinham sido intuídas. Nesse mesmo dia, os Estados Unidos da América (EUA) decidiram proibir a entrada de estrangeiros que tivessem estado na China pelos 14 dias anteriores e impor quarentena a viajantes de qualquer nacionalidade que proviessem da província de Hubei (Eckert & Higgins, 2020).

Segundo as anteriores declarações, poderíamos inferir que o ex-Vice-Primeiro-Ministro Fischer tenha sido um firme defensor do *hard power*¹ nas políticas alemãs e, consequentemente, nas europeias. No entanto, se olharmos para a sua biografia, o referido testemunho torna-se ainda mais surpreendente:

In 1983 [...] he was elected one of the Greens' first members of the Bundestag (lower house of the German parliament). The Greens' platform advocated the immediate shutdown of nuclear plants, a shorter workweek, withdrawal from the North Atlantic Treaty Organization (NATO), and the dismantling of the German army. (Latham, 2020)

¹ Académicos nas áreas de relações internacionais caracterizam *hard power* como a capacidade de usar as recompensas e punições do poder económico e militar para fazer com que os outros sigam a sua vontade (Nye, 2004, pp. 9-21).



Portanto, nem estamos ante um antessignano da potência coercitiva, nem as ideias foram concebidas no seio de uma pandemia de consequências imprevisíveis.

Mesmo assim, não é a única voz entre os governos europeus a clamar por um fortalecimento das políticas da defesa na Europa. No dia 9 de janeiro de 2019, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, UE e Cooperação do governo de Espanha, Josep Borrell, declarou: “*Europe must be ready to use hard power when it is inevitable*” (*The Diplomat*, 2019).

Parece evidente, então, que há uma tendência pré-covid no sentido de robustecer as políticas de segurança e defesa da UE. Porém, vai ser mantida essa tendência após a COVID-19? Será que está a aumentar a obrigação da UE de promover ações, medidas ou políticas de *hard power* com a intenção de não perder relevância no contexto geoestratégico mundial por causa do novo cenário pós-covid? Estão a mudar as ameaças que a UE enfrentará nos anos que virão?

Indubitavelmente, as crises não afetam homogeneamente todos os atores implicados, existindo uma sensação generalizada de que a República Popular da China está a enfrentar a pandemia mais acertadamente que o resto das potências económicas. Relativamente aos efeitos da COVID-19 na economia chinesa, muitos indicadores parecem mostrar o bom sucesso chinês:

China será el único país de los grandes que terminará el año con crecimiento positivo. Además, para el año 2021 los expertos prevén un avance de entre el 7 y el 8% tras haber crecido alrededor de un 2% o 3% este 2020, el mismo año en el que España y otros muchos países sufrirán la mayor recesión económica en más de medio siglo. (Nieves, 2019)

A aparentemente positiva gestão chinesa da COVID-19, e o suposto fortalecimento económico respetivamente às restantes potências económicas, poderia supor um aumento da posição geoestratégica do gigante asiático. Caso fosse confirmada essa futura prevalência chinesa, mudaria a sua grande estratégia? Um dos preceitos do conhecido pensador militar chinês Sun Tzu diz que “o guerreiro vence os combates não cometendo erros, pois conquista um inimigo já derrotado” (NSC Total, 2013).

Aproveitaria a China a sua posição de vantagem na situação de sair da pandemia reforçada, contrariamente à UE que sairia debilitada? Caso assim fosse, qual seria a



abordagem chinesa? Seria uma abordagem da perspectiva do *soft power*², elaborando planos de colaboração comercial do tipo *Belt and Road Initiative* (BRI)³, ou de colaboração sanitária com a providência da possível vacina chinesa⁴? Seria uma abordagem da perspectiva do *sharp power*⁵, assente na nova conectividade 5G⁶, e a possibilidade de influir de uma forma cada vez mais personalizada nas mentes dos cidadãos europeus, nomeadamente nas dos seus governantes?

Embora nenhuma abordagem seja descartada, a Alta Representante da UE para os Negócios Estrangeiros e Política de Segurança, Federica Mogherini, elaborou uma comunicação conjunta ao parlamento europeu e ao conselho⁷ em 6 de abril de 2016 relativamente à luta contra as ameaças híbridas⁸, propondo 22 ações. Essas ações apresentam um caráter transversal, referindo-se tanto à defesa como à segurança, designadamente à segurança energética, alimentar e financeira, entre outras.

Mais concretamente, a proposta desenvolve três ações que podem ser referidas ao âmbito da segurança da informação. A ação 3 procura “[...] otimizar o recurso a especialistas no domínio do acompanhamento dos meios de comunicação social e a linguistas”; a ação 13 prevê a publicação de “[...] orientações destinadas aos proprietários de redes inteligentes para melhorar a ciber-segurança das suas instalações. [...]”; e a ação 17 visa “[...] analisar a necessidade de reforçar os procedimentos para a eliminação de conteúdos ilegais, solicitando aos intermediários que assegurem o devido controlo na gestão das redes e sistemas” (Alta Representante da UE para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança, 2016, pp. 5, 13, 15).

² Considera-se *soft power* como a capacidade de obter resultados no cenário geopolítico por atração ou convencimento, em vez de coerção ou pagamento (Nye, 2017, p. 1).

³ Para mais informações relativamente à BRI, consultar os links a seguir:

https://ec.europa.eu/transport/themes/international/eu-china-connectivity-platform_en
<https://isdpeu/publication/compatible-interests-the-eu-and-chinas-belt-and-road-initiative/>
<https://www.ebrd.com/what-we-do/belt-and-road/overview.html>

⁴ Para mais informações relativamente à vacina chinesa, consultar os links a seguir:

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/covid-19-estudo-indica-que-vacina-chinesa-coronavac-e-segura_n1276210
<https://time.com/5902646/china-covid-19-vaccine/>
<https://www.bbc.com/news/world-asia-china-54982910>

⁵ Define-se o termo *sharp power* no subcapítulo 2.1 *Estado da arte*.

⁶ Para mais informações relativamente à *internet* de 5ª geração (5G), designadamente capacidades técnicas, possíveis ligações com a COVID-19 e ameaças no campo cognitivo, consultar os links a seguir:

<https://www.promobit.com.br/blog/o-que-e-internet-5g-e-por-que-ela-vai-mudar-nossas-vidas/>
<https://www.aljazeera.com/economy/2020/4/10/5g-coronavirus-conspiracy-theory-driven-by-coordinated-effort>
<https://www.nytimes.com/2019/05/12/science/5g-phone-safety-health-russia.html>

⁷ Pode descarregar a comunicação completa no link a seguir:

<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX:52016JC0018>

⁸ Pode obter mais informações relativamente à ameaças híbridas, no link do *Hybrid CoE*:

<https://www.hybridcoe.fi/>



A tecnologia 5G acrescenta imensamente as capacidades e as vulnerabilidades das anteriores ações. Sendo até 100 vezes mais veloz do que a 4G, com uma latência inferior em menos 200 vezes e com uma capacidade de conexão de elementos superior em mais 100 vezes (Thales, 2020), esta tecnologia apresenta um imenso universo de novas possibilidades, e, conseqüentemente, a ameaça para a segurança e defesa da Europa.

Uma vez determinada sucintamente a mudança no conceito da defesa e segurança, e os riscos aos quais se considera que a UE terá de se enfrentar, e apresentada a evolução económica chinesa desde o início da pandemia, assim como as suas possíveis abordagens na competência com a Europa, considera-se justificado investigar o impacto da posição chinesa pós-covid na segurança e defesa europeias. Estabelece-se, portanto, como objeto da investigação, a nova posição da China na ordem mundial pós-covid.

Na hipótese de que a RPC decida aproveitar a situação de debilidade económica, política e anímica da Europa provocada pela COVID-19, e com base num estudo da mentalidade chinesa e da sua grande estratégia, julga-se que a provável abordagem da China será baseada na perspetiva do *sharp power* no entorno cognitivo.

Finalmente, a partir das conclusões obtidas e da hipótese referida, determina-se que os últimos avanços tecnológicos, nomeadamente a implantação a nível mundial da rede 5G, suporá um catalisador das hipotéticas intenções chinesas no entorno cognitivo.

Devido à enorme abrangência da temática sugerida pelo título deste estudo, foi imposta uma delimitação no domínio temporal, espacial e conteúdo.

Referidamente à delimitação temporal, estabelece-se o marco temporal que abrange desde o ano 2000 até o primeiro semestre de 2021. Esta delimitação permite determinar, com a profundidade requerida para o estudo, como evoluiu a posição económica chinesa até a atualidade. Para o estudo da mentalidade chinesa é preciso ampliar a referida delimitação de modo a fazer um estudo histórico.

Acerca da delimitação espacial, o trabalho refere-se aos espaços geográficos europeu e chinês. Tem-se presente as atuações geoestratégicas e geoeconómicas destes dois atores noutros espaços geográficos como fonte para obter padrões das suas condutas. Considerando a área cognitiva parte do domínio espacial, delimita-se igualmente aos espaços europeus e chinês, com a particularidade de que a área cognitiva europeia foi considerada o alvo a atingir pelas capacidades de influência do governo chinês.

No domínio de conteúdo, a evolução da posição geoestratégica da China analisa-se com base apenas nos dados macroeconómicos. Considera-se que é o aspeto mais relevante



na atual situação mundial. Sendo mostra disso que o Partido Comunista Chinês (PCC) priorizou o “*economic development as the central task and the force that drives China’s modernization across all areas, including its armed forces*” (*The United States Office of the Secretary of Defense*, 2020, p. V).

Não sendo alvo de análise a posição económica ou mesmo geoestratégica da Europa, trabalha-se com o pressuposto de que esta, nesse aspeto, situa-se em desvantagem, embora seja compensada através do seu forte capital humano. Relativamente aos campos de atuação chineses sobre a Europa, considera-se às possibilidades de atuação no campo cognitivo e das ameaças híbridas. Não são alvo de estudo as medidas implementadas ou a implementar pela Europa, consideram-se apenas o marco do desenvolvimento da atuação chinesa. Finalmente, incidindo nos últimos avanços tecnológicos, os movimentos chineses são referidos, principalmente, à rede 5G.

Inserido nas limitações referidas, determina-se como objetivo geral (OG) da investigação, estimar se a posição da RPC na ordem mundial gerada pela crise da COVID-19, determinará as suas relações internacionais de modo a supor uma ameaça à segurança e defesa da UE no espaço cognitivo. A partir desse OG definiram-se três objetivos específicos (OE): primeiramente, comparar a evolução da economia chinesa no período pandémico relativamente às principais economias mundiais; seguidamente, analisar, com base na mentalidade chinesa e na sua eventual posição de prevalência económica, a visão de futuro que a RPC tem para o mundo; finalmente, formular as possibilidades de influência da RPC sobre o domínio cognitivo da UE.

Partindo dos anteriores objetivos, estabelece-se a seguinte questão central (QC): de que modo a RPC suporá uma ameaça à segurança e defesa da UE no espaço cognitivo?

Relativamente à organização formal do estudo, as partes pré-textual, textual e pós-textual, realizam-se conforme a estrutura tipo dos TII para o curso de Estado Maior-Conjunto (CEM-C) determinada na *Norma de Execução Permanente / INV – 003 (A3)*, Instituto Universitário Militar de setembro de 2020.

No que diz respeito ao corpo do artigo, que constitui a apresentação dos dados e discussão dos resultados, estrutura-se em três capítulos. O primeiro deles, o capítulo quatro, compara a evolução da economia chinesa no período pandémico com o resto das potências. Apresenta três subcapítulos: uma análise dos dados macroeconómicos; uma descrição dos acordos comerciais desenvolvidos pela RPC no ano 2020; e uma síntese conclusiva.



O segundo, capítulo cinco, analisa a futura ordem mundial segundo a RPC. Apresenta três subcapítulos: uma descrição da mentalidade chinesa; uma análise da visão chinesa para o futuro mundial; e uma síntese conclusiva.

Finalmente, o terceiro, capítulo seis, formula as possibilidades da RPC de influenciar no espaço cognitivo europeu. Apresenta três subcapítulos: uma descrição da crescente relevância da guerra das percepções; uma análise das mensagens que a RPC pretende difundir; e uma síntese conclusiva.



2. Enquadramento teórico e conceptual

2.1 Estado da arte

Partindo do conceito geral de que toda grande potência visa influir nos seus aliados e rivais, e com base no facto de que a RPC “*conducts influence operations to achieve outcomes favourable to its strategic objectives by targeting cultural institutions, media organizations, business, academic, and policy communities in the United States, other countries, and international institutions*” (The United States Office of the Secretary of Defense, 2020, p. X), o presente TII pretende examinar a hipótese de que as operações de influência da RPC sobre o espaço cognitivo europeu serão incrementadas com o intuito de atingir a hegemonia mundial no horizonte 2049.

Para melhor perceber a problemática em estudo, convém especificar os conceitos base que, decorrentes da revisão bibliográfica, norteiam a investigação.

Os conceitos *soft* e *hard power* são amplamente conhecidos e comumente citados. Em relação com eles, por volta do ano 2016, começou a ser aludido o termo *sharp power*. O *sharp power* abrange aquelas atividades que, aparentando cumprir as características das atividades relativas ao *soft power*, são orientadas pelos atores que as desenvolvem com a intenção de:

monopolize ideas, suppress alternative narratives, and exploit partner institutions [...]. Sharp power techniques should be seen as the tip of their dagger [...]. They are surely seeking to manage their target audiences by manipulating or poisoning the information that reaches them. (Cardenal, Kucharczyk, Meseznikov & Pleschova, 2017, p. 13)

As atividades *sharp power* são desenvolvidas em grande medida graças à extraordinária evolução nos anos recentes das tecnologias e sistemas tecnológicos emergentes e da implicação dos cidadãos e líderes políticos nas redes sociais. Entre as tecnologias destacam-se os semicondutores, entre os sistemas prevalecem as comunicações 5G.

O 5G – quinta geração – é a nova geração de redes sem fio que, junto à tecnologia de semicondutores, providenciarão o uso massivo da *Internet das Coisas* (IoT). “A evolução mais notável [...] é que, além do aumento da velocidade dos dados e [...] da baixa latência, [...] o baixo consumo de energia permitirá que objetos conectados funcionem por meses, ou anos, sem a necessidade de intervenção” (Thales, 2019).



Embora estejam próximas ao *hard power*, é indispensável aludir as ameaças híbridas no domínio do *sharp power*. Sendo:

[...] a combinação de atividades coercivas com atividades subversivas, de métodos convencionais com métodos não convencionais (ou seja, diplomáticos, militares, económicos, tecnológicos) que podem ser utilizados de forma coordenada por intervenientes estatais ou não estatais para atingir objetivos específicos, mantendo-se, no entanto, abaixo do limiar de uma guerra formalmente declarada. (Alta Representante da UE para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança, 2016, p. 2)

Não pode ser esquecida a importância da economia. O poder económico é, concomitantemente, o elemento fornecedor das ferramentas das que se servem os *soft*, *sharp* & *hard power*, assim como uma ferramenta mais do *sharp power*. Portanto, torna-se importante definir o conceito da geoeconomia como “*the use of economic instruments to promote and defend national interests and to produce beneficial geopolitical results; and the effects of other nations’ economic actions on a country’s geopolitical goals*” (Blackwill & Harris, 2016).



2.2 Modelo de análise

Nos quadros 1 e 2, situados a seguir, relacionam-se visualmente os OE já anteriormente referidos com as respetivas questões derivadas (QD), conceitos, dimensões, variáveis, indicadores e técnicas de recolha de dados; o qual define o modelo de análise.

Quadro 1 – Objetivos específicos e questões derivadas

Fonte: Autor

Objetivos Específicos		Questões Derivadas	
OE 1	Comparar a evolução da economia chinesa no período pandémico relativamente às principais economias mundiais.	QD 1	Em que medida a economia da RPC evoluiu favoravelmente em comparação com as principais economias mundiais desde a aparição da crise provocada pela COVID-19?
OE 2	Analisar, com base na mentalidade chinesa e na sua eventual posição de prevalência económica, a visão de futuro que a RPC tem para o mundo.	QD 2	Como serão determinadas as relações internacionais da RPC tendo em conta a mentalidade chinesa, a sua posição na ordem internacional pós-covid e a sua visão do futuro mundial?
OE 3	Formular as possibilidades de influência da RPC sobre o domínio cognitivo da UE.	QD 3	Quais as linhas de influência sobre o domínio cognitivo europeu nas que a RPC pretende atuar?

Quadro 2 – Objetivos específicos e resto de fatores do modelo de análise

Fonte: Autor

Objetivos Específicos	Conceitos	Dimensões	Variáveis / Indicadores	Técnicas de recolha de dados
OE 1	Geeconomia Parcerias internacionais	Dados macroeconómicos Evolução das parcerias	-PIB. -Mercado exportações e importações. -Índice presença global. -Evolução da população. -Outros.	-Análise documental. -Entrevistas. -Observação não participante.
OE 2	Mentalidade chinesa Comunidade de futuro partilhado	Domínio cognitivo chinês Geopolítica global	-Pensamento dos filósofos e ideólogos chineses. -Declarações de Xi Jinping. - Planos quinquenais chineses. -Outros.	-Análise documental. -Entrevistas. -Observação não participante.
OE 3	Guerra das perceções Plano de influência	Domínio cognitivo europeu Linhas de influência	-Evolução das tecnologias e sistema emergentes. -Exposição às redes sociais. -Estratégia militar chinesa da Nova Era. -Outros.	-Análise documental. -Entrevistas. -Observação não participante.



3. Metodologia e método

3.1 Metodologia

O presente TII visa estimar como a nova posição da economia chinesa determinará a orientação que o governo da RPC estabelecerá nas suas relações com a UE. Determinando, consequentemente, se constituirá uma ameaça para a segurança e defesa europeia, nomeadamente, no seu espaço cognitivo.

A hipótese referida no subcapítulo do estado da arte, parte do conceito geral segundo o qual as potências geopolíticas visam influir no domínio cognitivo dos seus parceiros e rivais. Constitui esse o ponto de partida para, com base num raciocínio dedutivo, obter conclusões particulares sobre a vontade de influência da RPC na UE. Para atingir o alvo descrito, considera-se de uma grande importância compreender a mentalidade chinesa.

Sendo a intenção do estudo lograr a compreensão da mentalidade de uma sociedade e sendo amplamente assumido o restrito regime chinês na divulgação de informação relevante, estima-se adequado basear a investigação numa estratégia qualitativa. Esta abordagem é compatível com a seguinte reflexão publicada em 2017 pelo *European Council on Foreign Relations*:

While freedom of expression and information remain restricted in China's media [...], academic institutions, think-tanks, journals, and web-based debates are growing in number and quality, giving China's foreign policy breadth and depth, [...] these published sources and debates provide an important way of understanding emerging trends within China. (Angela Stanzel et al., 2017)

Reiterando que esta investigação “procura compreender o objeto de estudo [...] de uma perspetiva pragmática, através da qual se procura transmitir uma ideia geral do objeto de estudo, do ponto de vista do investigador” (Freixo, 2011, p. 111), e que o estudo de caso “é utilizado em domínios relacionados com a ciência política, economia, psicologia, sociologia e administração pública, entre outros” (Santos et al., 2019), considera-se que se atingem as características do estudo de caso.

3.2 Método

3.2.1 Participantes e procedimento

Sendo que no estudo de caso “o investigador procura recolher informação detalhada sobre uma única unidade de estudo, podendo essa unidade ser o indivíduo, a comunidade ou até mesmo a nação” (Santos et al., 2019). A nossa unidade de estudo será a política dos negócios estrangeiros chinesa. Constitui o comportamento no que diz respeito às atuações



no domínio cognitivo europeu, o “tipo de comportamento que se deseja estudar” (Freixo, 2011, p. 109).

Considera-se que a investigação cumpre as características fundamentais de um estudo de caso. O qual tem de ser particular, descritivo, heurístico, holístico e planificado (Santos & Lima, 2019, p. 37). Este pretende ser particular, pois centra-se na análise de um determinado fenómeno, em concreto, nas consequências da Nova Ordem Mundial pós-covid nas relações internacionais da RPC com a UE. Descritivo, na medida que o resultado será uma descrição rigorosa das conclusões obtidas após a análise documental. Holístico, na medida que procura abarcar a realidade chinesa conjuntamente, entendendo o seu comportamento com base na sua mentalidade. Planificado, tendo sido estabelecidas no projeto do TII as datas nas quais tiveram de ser atingidos determinados *milestones*.

3.2.2 Instrumentos de recolha de dados

Pela natureza do estudo e a metodologia referida no ponto anterior, os instrumentos de recolha de dados são ordenados com base na importância para a obtenção de informação, designadamente a análise documental, as entrevistas e a observação.

Considera-se a análise documental como o instrumento de recolha de dados mais relevante para o estudo. Selecionam-se fontes primárias baseadas no estado da arte inicialmente desenvolvido. Constitui a base desta análise as publicações de organizações de reconhecido prestígio no âmbito das relações internacionais e da geopolítica, nomeadamente: Instituto Espanhol de Estudos Estratégicos (IEEE); *Department of Defense* dos EUA; *NATO Strategic Communications Centre of Excellence* (SCCE); *The International Institute for Strategic Studies* (IISS); *The European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats* (Hybrid CoE); assim como diversas publicações do governo chinês traduzidas para inglês.

No contexto das operações de informação, analisam-se publicações doutrinárias da NATO e técnicas do Comando do Ciberespaço de Espanha referidas às possibilidades de aproveitamento das tecnologias e sistemas tecnológicos emergentes.

No contexto do pensamento chinês e do espaço cognitivo europeu, analisam-se publicações que desenvolvem o referido pensamento, nomeadamente aquelas que se referem ao estratégia militar Sun Tzu. Estudam-se publicações que apresentam uma possível mudança do paradigma a nível global como *Scenarios for the future of technology and international development* (The Rockefeller Foundation, 2010) ou *COVID-19. The great reset* (Schwab & Malleret, 2020).



No que diz respeito as entrevistas, são estruturadas. Através dos questionários apresentados aos autores das principais referências bibliográficas empregados na investigação, pretende-se consolidar as conclusões obtidas na análise documental. Com foco nesse alvo, estabelecem-se as perguntas com base nas categorias e os segmentos determinados para a análise documental. No apêndice B aprofunda-se nos detalhes das entrevistas e dos entrevistados.

Relativamente à observação, resulta não participante, não estruturada e baseada na observação da atualidade. Este instrumento de recolha de dados tem utilidade como elemento de procura de novas fontes de informação e de localização de indivíduos alvo de entrevista.

Nos quadros 1 e 2, referidos ao modelo de análise, define-se de forma visual a metodologia proposta.

3.2.3 Técnicas de tratamento dos dados

Os dados qualitativos, por adquirirem uma forma não numérica, não são passíveis dos tratamentos estatísticos baseados nos conceitos de frequência e probabilidade (Matos, 2006, p. 205). No entanto, o trabalho baseado nas anotações deve ser apurado e detalhado, com descrições e ideias (Pacheco, 2016, p. 11). Noutras palavras, “a codificação de uma situação é a representação desta, com alguns dos seus elementos constitutivos, em interação. A descodificação é a análise crítica da situação codificada”(Freire & Shor, 2006, p. 112).

Portanto, para o tratamento dos dados obtidos, elabora-se uma análise de conteúdo tradicional, detalhado no apêndice A, identificando o elemento central, elaborando categorias e identificando segmentos. O número de repetição dos segmentos, ou das suas ideias associadas, determina a sua conversão em dados quantitativos (Guerra, 2014, p. 83).



4. Evolução da economia chinesa

4.1 Descrição dos dados macroeconómicos

A economia chinesa apresenta um paradigma de desenvolvimento que nada tem a ver com o do mundo ocidental. Na China, o controlo estatal da economia permite selecionar os setores estratégicos aos que direcionar os investimentos de forma a determinar diretamente a evolução económica e comercial (Troxell, 2018, p.27). O governo chinês dispõe, portanto, de ferramentas mais eficazes contra as crises que os capitalismos ocidentais, os quais apoiam o seu crescimento nos investimentos privados.

A estratégia da dupla circulação, uma das ferramentas do “socialismo com características chinesas” (Jinping, 2017, pp. 8-16), permite à RPC balancear o seu esforço económico entre a demanda doméstica e o comércio estrangeiro. Conforme o gráfico 1, dispor de uma população estimada de 1.439,3 milhões de pessoas, uma quinta parte dos habitantes do planeta, providencia uma elevada margem de atuação às autoridades chinesas (Centre for Economics and Business Research, 2020, pp. 70-71). A aplicação prática deste sistema facilitou uma melhor abordagem da crise económica de 2008, proporcionando atualmente vantagens económicas na gestão da pandemia face aos sistemas capitalistas (Gisela, 2020, p. 1).

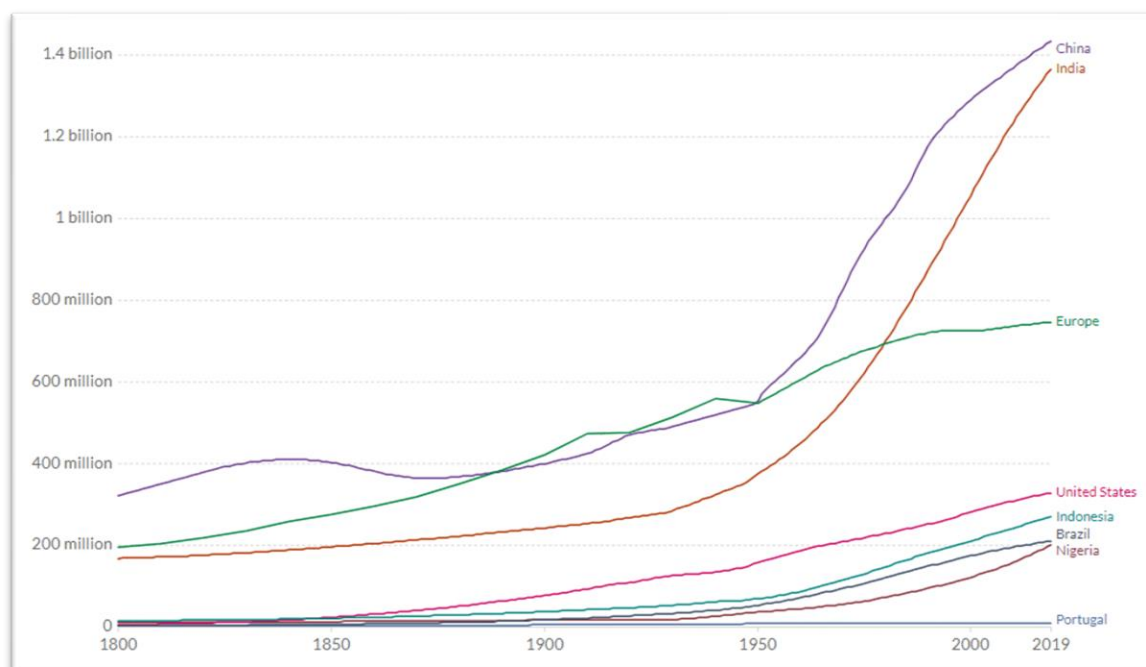


Gráfico 1 – Evolução da população entre 1800 e 2019

Fonte: *Our world in data* (2021).

De acordo com o gráfico 2, índice da presença global do *Real Instituto Elcano*, os movimentos geoeconómicos chineses alcançaram uma evolução admirável de presença global do país nos últimos 30 anos, passando de 1,6% em 1990 para 8% em 2019. Graças ao seu potencial económico, que representa um 63% do total, a China escalou no ranking mundial da posição número onze até à terceira no período de 30 anos – desde 1990 até a atualidade. É surpreendente que o peso da variável económica seja 14 pontos percentuais por cima do valor desse mesmo fator no índice de presença global dos EUA. Em quanto ao poder militar, no entanto, é 12 pontos percentuais em baixo do que no caso dos EUA (*Real Instituto Elcano*, 2021).

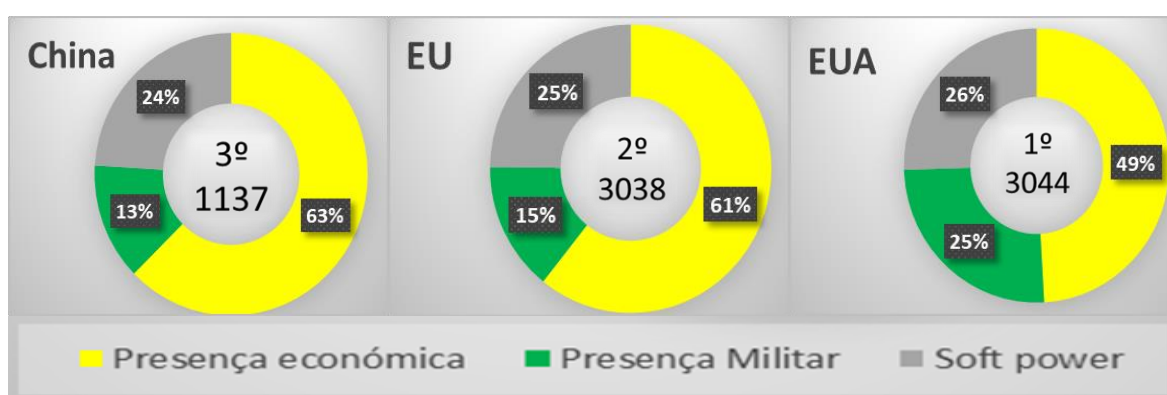


Gráfico 2 – Comparação do índice da presença global da China, UE e EUA

Fonte: *Real Instituto Elcano* (2021).

Um dos setores estratégicos onde a China tem orientado grande quantidade de recursos desde 2015, é o setor tecnológico. O programa *Made in China 2025*, visa atingir e consolidar a posição da RPC como primeira potência tecnológica, enquanto reduz a dependência dos *softwares* e das tecnologias estrangeiras (*Institute for Security & Development Policy*, 2018, pp. 1-4).

Além dos investimentos realizados na investigação tecnológica, a digitalização do país tem sido fortemente impulsionada. O que supôs uma oportunidade sem igual para que o governo chinês expandisse o uso das tecnologias digitais na procura da seguridade e saúde pública na luta contra a COVID-19 (Khalil, 2020, pp. 14-20). Este massivo uso tecnológico apresenta leituras complexas na ótica ocidental enquanto instrumento de controlo individual.

Em 29 de outubro de 2020, um relatório do Banco de Espanha destacou a velocidade com que a recuperação económica da China ocorreu após a pandemia de COVID-19. Afirma, ainda, que essa experiência não pode ser extrapolada para outras economias devido à

confluência de fatores específicos, como a estratégia de saúde desenvolvida. Conclui que, embora persistam algumas assimetrias, como a menor evolução do setor de serviços, não há dúvida de que a economia chinesa recuperou o nível de atividade tida no final de 2019. As ações coordenadas de saúde em todo o país, a recuperação da mobilidade das pessoas e a ativação industrial graças à combinação do consumo interno com o abastecimento às economias com medidas de contenção ainda ativas, sem dúvida fizeram com que a China, conjuntamente, recuperasse e ultrapassasse os níveis económicos anteriores (Buesa, 2020), como aprecia-se no gráfico 3.

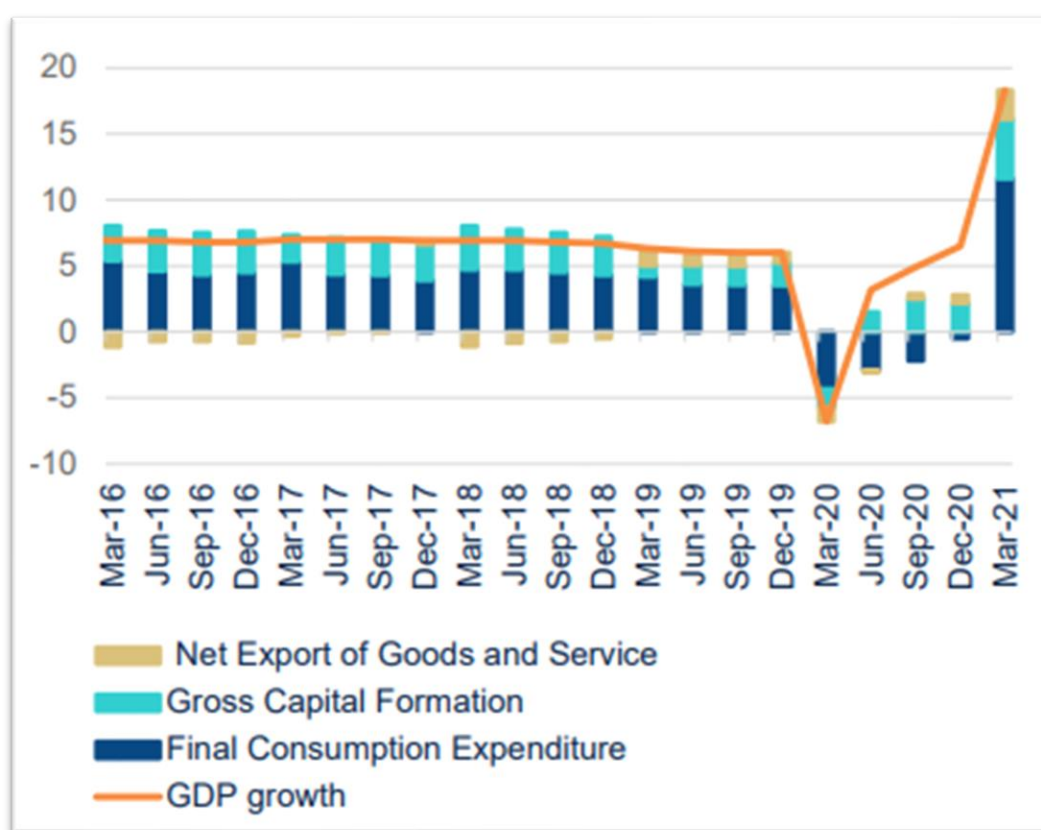


Gráfico 3 – Evolução do Produto Interno Bruto (PIB) chinês e contribuições

Fonte: BBVA (2021).

O relatório promulgado pelo Fundo Monetário Internacional em outubro de 2020, *World Economic Outlook (A Long and Difficult Ascent)*, conforme a tabela 1 e a figura 1, prevê uma grande discrepância entre a projeção do PIB chinês e o das principais regiões económicas mundiais. Em 2020, apenas o PIB chinês mostra uma projeção anual positiva. Em 2021, as previsões estabelecem um crescimento chinês de uns 8,1%, enquanto a média das economias avançadas atinge cerca de 3.9% (Fundo Monetário Internacional, 2020, pp.



139-170). Tudo indica, portanto, que a economia chinesa continuará a evoluir mais favoravelmente que as restantes, o que confirmaria as teorias que defendem que, no final desta década, a China terá ultrapassado os EUA a nível económico (Rudd, 2021).

Tabela 1 – Comparação das projeções do PIB nas potências económicas

Fonte: BBVA (2021).

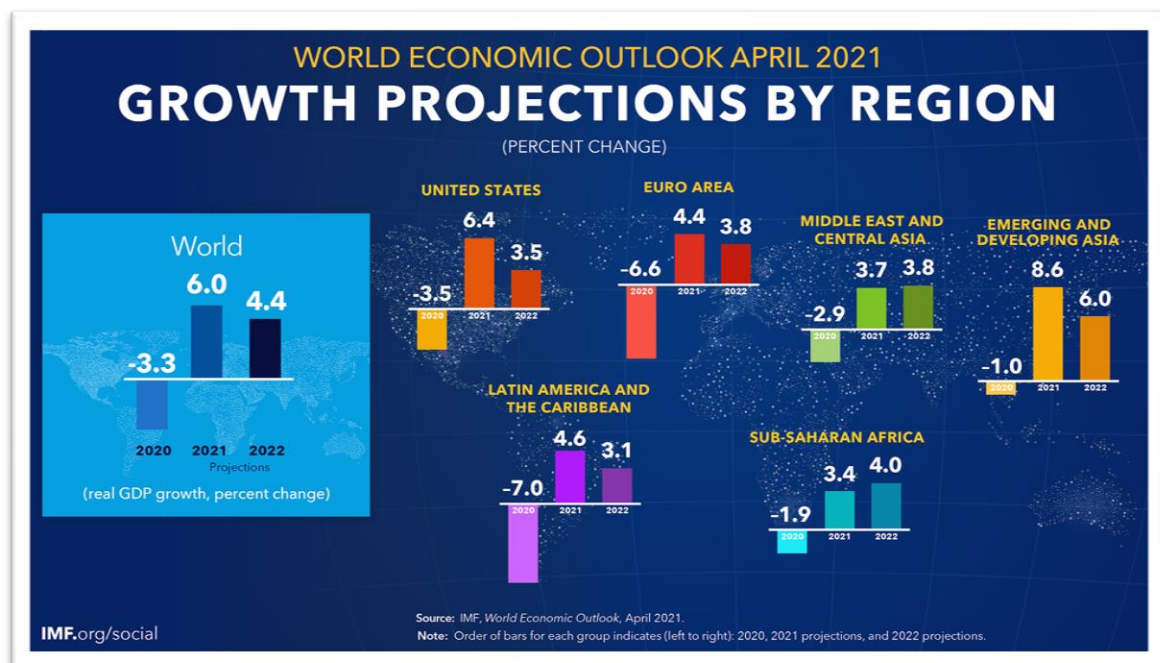


Figura 1 - Comparação das projeções do PIB nas regiões mundiais

Fonte: Fundo Monetário Internacional (2021).



4.2 Análise dos acordos comerciais desenvolvidos pela RPC no ano 2020

Aparentemente parece evidente que a pandemia causada pela COVID-19 foi menos danosa para a economia chinesa do que para o resto das economias mundiais. Essa situação tem permitido manter, e até mesmo aumentar, o ímpeto da projeção global dos interesses económicos e comerciais chineses.

O socialismo com características chinesas (Jinping, 2017, pp. 8-16), promulgado pelo governo chinês, estabelece uma economia tremendamente voltada para o comércio global, sendo o desenvolvimento económico a tarefa central para o PCC (Centro de Informações e Segurança Militares, 2021, p. 9).

O enorme consumo de matérias-primas, a produção de manufaturados a preços competitivos em grandes quantidades e a criação da sua própria rede de comunicações para facilitar o trânsito de mercadorias, a BRI, permitiram à China estabelecer parcerias comerciais que pretendem ser a base para uma mudança no centro de gravidade económico internacional (Dicken, 2015, pp. 13-46). Os projetos de investimento estrangeiro direto não interromperam a sua tendência positiva desde 1990. Conforme a figura 2, a Europa, seguida da Ásia, é a principal beneficiária, apresentando um aumento espetacular de 35 pontos percentuais de 2013 a 2017 (Huang & Xia, 2018, pp. 3-5).

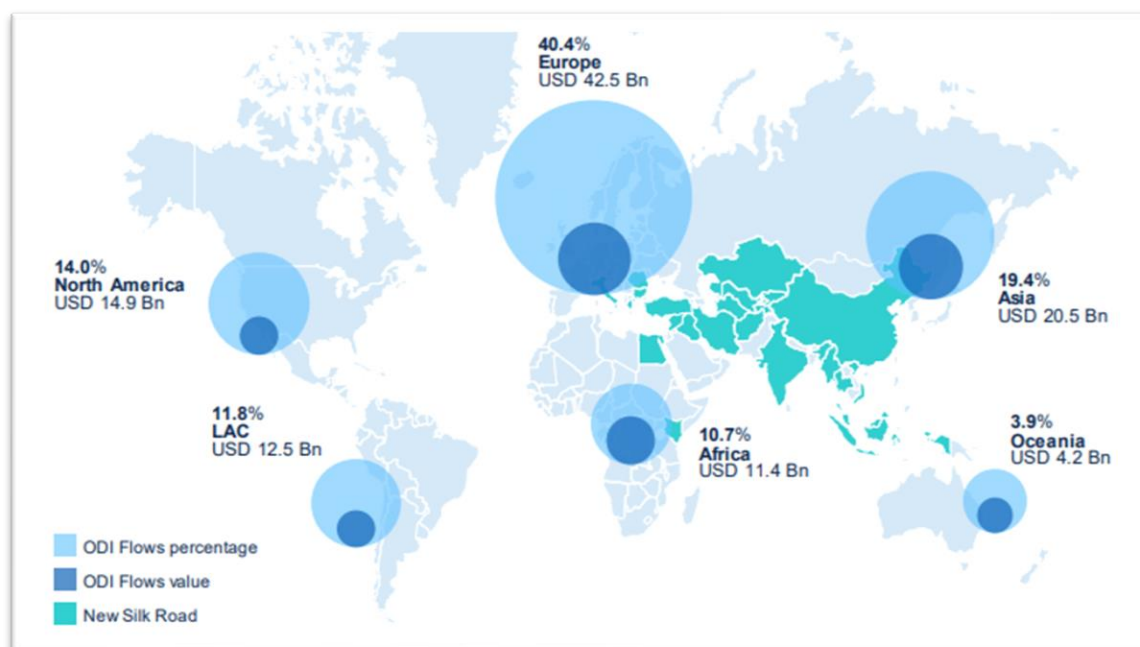


Figura 2 – Investimento estrangeiro direto chinês em 2018

Fonte: Huang, Ortiz, Rodrigo & Xia. (2019).



Os países que estendem a sua influência comercial e económica para além das suas fronteiras precisam garantir a segurança jurídica e estabilidade política nessas áreas. No caso da China, há uma clara conexão entre a projeção do poder económico e militar (García, 2021, pp. 1-3).

No entanto, os líderes chineses estimam que a projeção do seu poder militar deve espelhar uma imagem de grande potência amável. Portanto, a China, mantendo a sua política não intervencionista, tornou-se um dos grandes contribuintes de forças para as operações de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) como se aprecia no gráfico 4. A sua abordagem é pragmática e evita envolver-se em considerações políticas, ciente dos perigos que acarreta. Isso faz com que alguns líderes, nomeadamente dos países em vias de desenvolvimento, vejam na abordagem chinesa uma alternativa à conceção da ordem mundial estabelecida pelos EUA (Neethling, 2015, pp. 24-26). Com o intuito de manter a já mencionada imagem de potência amiga e evitar confrontos, a China ampliou a sua presença militar maioritariamente nas áreas de vazio de poder centradas no Sul da Ásia e em África (Heginbotham et al., 2018, pp. 343-355).

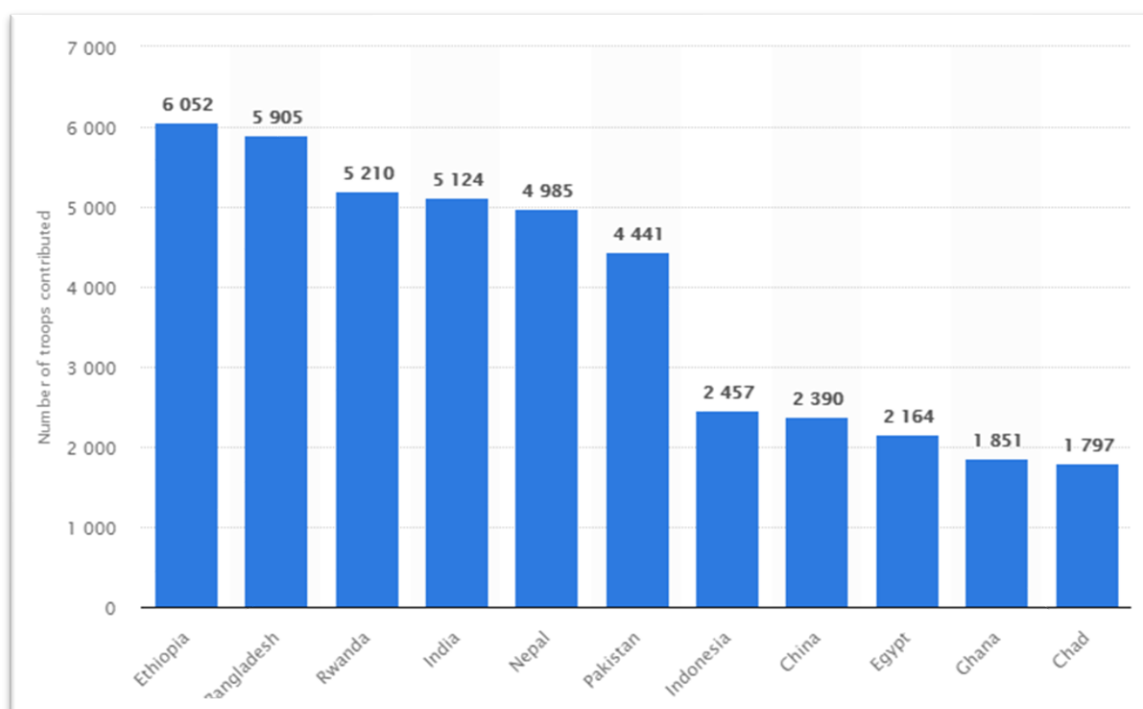


Gráfico 4 – Os 10 maiores contribuintes de tropas para as missões da ONU

Fonte: Statista (2021).

Durante o presente ano de pandemia, a mudança na ordem internacional de um mundo unipolar para um multipolar assimétrico teve uma aceleração. A particularidade que essa

mudança apresenta em relação a outras mudanças ocorridas ao longo da história deve-se ao facto de estar a acontecer globalmente, gerando desconfiança excessiva e fortes tensões entre os diferentes atores (*Instituto de Seguridad y Cultura*, 2021). Nesse contexto, a China tem desenvolvido intensos esforços para ampliar os seus laços comerciais e diplomáticos, esclarecendo dúvidas sobre o seu *status* como potência global.

Uma das grandes iniciativas que impulsionou o seu desenvolvimento em 2020, e que se observa na figura 3, foi a BRI. Um compromisso comercial, tecnológico, cultural e de extensão da influência chinesa que representa o paradigma do multilateralismo com nuances chinesas. A RPC defende uma grande liberdade de comércio, mas com total ausência de preocupação com os direitos do trabalhador ou com o meio ambiente (*Instituto de Seguridad y Cultura*, 2021).

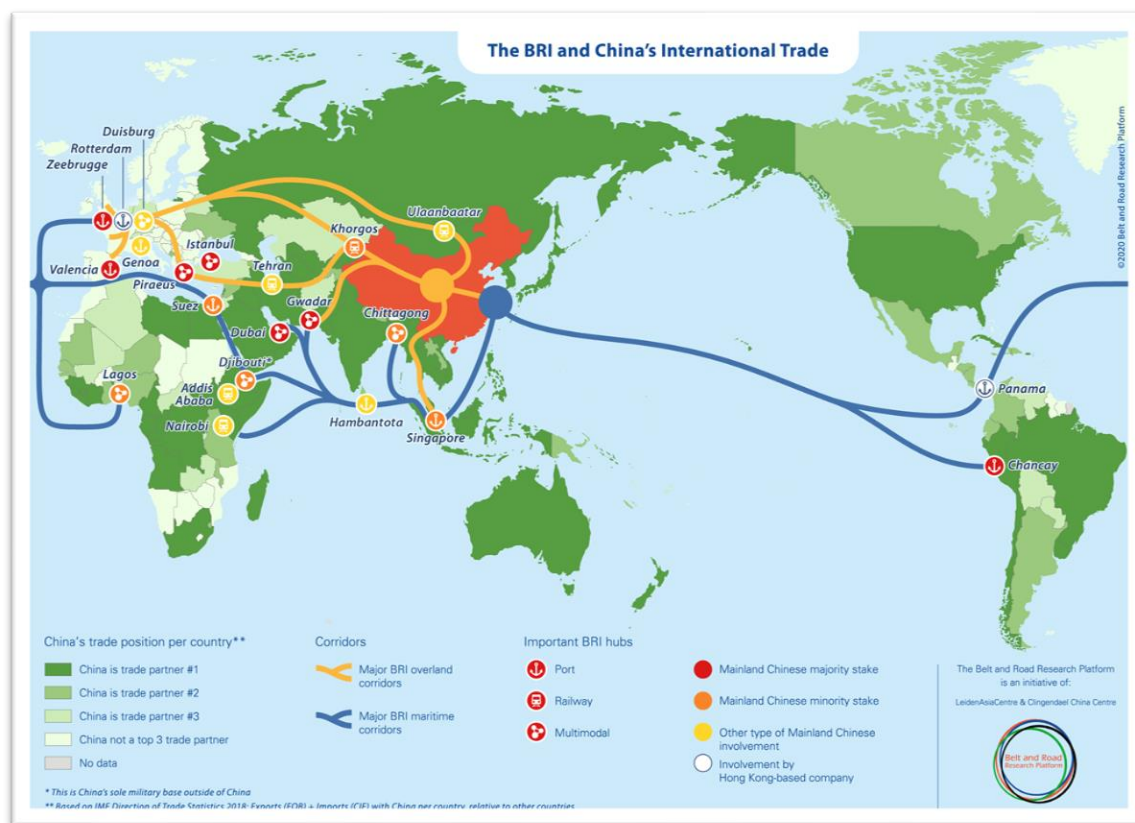


Figura 3 - Mapa da Belt and Road Initiative

Fonte: Belt and Road Research Platform (2021).

Existe uma versão informacional da BRI conhecida como a *Digital Silk Road* (DSR), que supõe o verdadeiro epicentro da guerra comercial de 2020 entre os EUA e a China. Como se aprecia na figura 4, a DSR consiste num conjunto de infraestruturas, serviços



digitais e plataformas *over-the-top* que continuou a sua expansão geográfica e tecnológica durante a pandemia e que visa a integração o mais abrangente possível com as tecnologias de informação e comunicações dos países. A suspeita dos EUA de futuras perdas de informação sensível para a segurança e defesa por causa da integração das tecnologias, ameaça bifurcar os ecossistemas digitais globais (Nouwens, 2021, pp. 47-51). A crescente tensão entre as duas grandes potências pode fazer com que desvinculem as suas tecnologias, com consequências significativas para o futuro da humanidade (Inkster, 2021).











Over-the-top Platforms		E-Commerce
		E-Governance
		Financial Technology (FinTech)
Services		Smart City
		Security Information System
		Data Centre
Infrastructure		Fibre Optic Cables
		Telecom
		5G Network
		Satellite Tracking Ground Stations

Figura 4 - Categorias do projeto *Digital Silk Road*

Fonte: IISS (2020).

O maior acordo comercial de 2020, no qual a China desempenhou e desempenhará um papel de destaque, foi o *Regional Comprehensive Economic Partnership* (RCEP) (BBC News, 2020). Podem-se observar na figura 5 os integrantes do RCEP e do *Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership* (CPTPP). O bom desempenho dos países asiáticos frente à COVID-19, a par da assinatura de um tratado que atinge uns



30% do PIB mundial (RCEP, 2020a), sem dúvida contribuirá para a transferência do centro de gravidade global da zona do Atlântico para a do Indo-Pacífico. No entanto, se a participação da China é importante, não é menos notável a ausência da Índia nas negociações comerciais. Uma das grandes aspirações chinesas desde o surgimento do conceito da comunidade de futuro partilhado em 2007 tornará ainda mais simples, começando as economias asiáticas a consolidar um bloco económico com Pequim como centro (Kai, 2013).

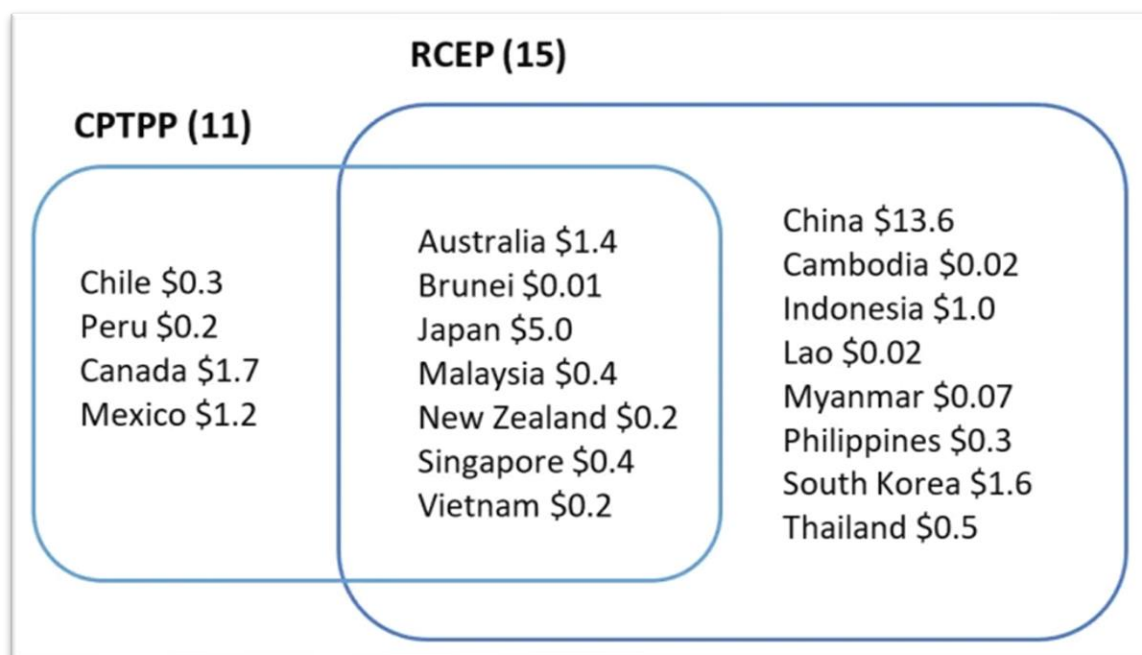


Figura 5 – Membros do RCEP e do CPTPP

Fonte: RCEP (2020b).

Após a assinatura do *Comprehensive Strategic Partnerships* entre a China e o Irão, e a viagem do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Wang Yi, em abril de 2021, as relações com o Oriente Médio evoluíram favoravelmente desde o início da pandemia. No entanto, considera-se que, tanto para a China como para o Oriente Médio, a importância das relações com o Ocidente é muito maior. Ambas as partes vêem aqueles acordos como mais lucrativos no sentido de serem usados como uma ferramenta de pressão nas negociações subsequentes com as potências ocidentais (Lons & Nouwens, 2021).

No que diz respeito à UE, a China foi o único parceiro, conforme o quadro 1, que aumentou o volume tanto das exportações como das importações em 2020 (*Deutsche Welle*, 2021). As exportações da UE para a China aumentaram 13,6%, enquanto as importações aumentaram 9,3% (*Eurostat*, 2021). Em 2020, a China ultrapassou os EUA como o primeiro



parceiro comercial em volume de negócios (Pellicer, 2021). No entanto, a UE pretende desenvolver mecanismos regulatórios e de controle que protejam as suas empresas contra aquelas, geralmente chinesas, que realizam práticas comerciais desleais (Dombrovskis, 2021).

Quadro 3 – Principais parceiros comerciais da UE

Fonte: Eurostat (2021).

Main trading partners - EU							bn €	
	EU exports to			EU imports from			Trade balance	
	Jan-Feb 20	Jan-Feb 21	Growth	Jan-Feb 20	Jan-Feb 21	Growth	Jan-Feb 20	Jan-Feb 21
China	29.5	33.5	13.6%	60.4	66.0	9.3%	-31.0	-32.5
United States	62.6	58.3	-6.9%	38.9	31.3	-19.5%	23.7	27.1
United Kingdom	49.9	39.8	-20.2%	31.3	16.6	-47.0%	18.6	23.2
Switzerland	25.2	24.5	-2.8%	19.5	17.9	-8.2%	5.7	6.6
Russia	13.3	12.3	-7.5%	22.3	19.8	-11.2%	-8.9	-7.5
Turkey	12.0	12.1	0.8%	11.6	11.3	-2.6%	0.4	0.8
Japan	10.1	9.3	-7.9%	10.2	9.4	-7.8%	-0.1	-0.1
Norway	8.1	8.0	-1.2%	8.8	8.3	-5.7%	-0.7	-0.3
South Korea	7.9	7.6	-3.8%	7.8	8.0	2.6%	0.1	-0.4
India	5.8	5.7	-1.7%	7.0	6.3	-10.0%	-1.2	-0.6

De qualquer forma, não podemos esquecer que, apesar da sua grande vocação comercial global, a China apresenta uma vantagem comparativamente com outras economias. A já mencionada capacidade do governo de atuar no seu mercado interno é muito maior do que para as demais potências globais. Assim sendo, entre as prioridades estratégicas do novo plano quinquenal até 2025, o décimo nono Comité Central do PCC destacou que um dos principais objetivos é fortalecer o mercado interno, tornando-se menos dependente da importação de bens essenciais (Dong, 2020, pp. 1-2). Com essa estratégia, que mostra que o maior parceiro da China é a própria China, Pequim obteve ótimos resultados na crise económica global de 2008.

4.3 Síntese conclusiva

Após o estudo económico e das ligações diplomáticas efetuado, conclui-se que o maior desafio para o desenvolvimento futuro da China tem a ver com a disputa tecnológica e comercial com os EUA. No entanto, a situação internacional gerada pela COVID-19 e a visão de longo prazo das autoridades chinesas parece providenciar uma certa vantagem para os interesses chineses.

O Partido Comunista Chinês tem logrado oferecer ao mundo, e aos seus próprios cidadãos, uma imagem de uma China liderada numa direção única e de sucesso. O país, segundo os indicadores económicos, tem-se livrado da alta perturbação da pandemia e tem potenciado as parcerias comerciais durante 2020, acrescentando os níveis internos e externos



de confiança nas suas capacidades. Consequentemente, o plano de desenvolvimento para os seus 1.439,3 milhões de habitantes e o fortalecimento das relações com a China, tanto para os países em vias de desenvolvimento como para os parceiros vizinhos, é enormemente promissor.

Em resposta à QD1 – Em que medida a economia da RPC evoluiu favoravelmente em comparação com as principais economias mundiais desde a aparição da crise provocada pela COVID-19? –, consegue-se afirmar que o coronavírus não trouxe destruição, constituindo, no entanto, um destaque mundial para a China. O mundo recebeu a mensagem que a trajetória de desenvolvimento da China é vigorosa e que a sua capacidade de enfrentar as situações críticas é exemplar.

Gera-se uma inquietante dúvida na comunidade internacional que se coloca como questão para o desenvolvimento de posteriores estudos. Tanto na crise atual quanto na de 2008, a China tem mostrado que, devido ao seu vasto mercado interno, é a única nação que apresenta a capacidade de focar o seu desenvolvimento económico no interior das suas fronteiras sem padecer consequências perturbadoras nos tempos incertos. Portanto, teria a comunidade internacional de observar a possibilidade de que o governo chinês tivesse a tentação de provocar crises mundiais futuras como ferramenta de controlo da ordem mundial?



5. A futura ordem mundial segundo a RPC

5.1 Descrição da mentalidade chinesa

Durante décadas, os líderes mundiais acharam que a RPC tornar-se-ia um regime mais liberal na medida que progredisse economicamente. Este constitui-se como um grande erro que resultante da sua falta de atenção ao discurso e à evolução do PCC (O'Brien, 2020). Começa a ser evidente que o PCC tem uma visão particular do seu futuro virada, provavelmente, para posições ainda mais autoritárias (Santayana, 2021, p. 3). Considera-se fundamental descrever a progressão da China nos últimos 250 anos para compreender a sua mentalidade atual.

No ano 1780, a Europa e a China achavam-se numa situação de desenvolvimento económico semelhante. No entanto, a maior disponibilidade de depósitos de carvão e a ligação com as Américas, favoreceram o enriquecimento da Europa face ao empobrecimento da China durante a revolução industrial (Pomeranz, 2001). A vantagem industrial das potências europeias forneceu a decadência da China Imperial. Após uma série de conflitos, iniciando-se com a primeira Guerra do Ópio (1839-1842), a China perdeu a soberania de grande parte do seu território⁹ (*The editors of Encyclopaedia Britannica*, 2019).

O período, que ficou conhecido como o século da humilhação chinesa, decorre entre os anos 1839 a 1949. Como se aprecia na figura 6, supôs todo um leque de cessões de soberania, quer no âmbito comercial, quer no territorial. A queda do império de mais longa vida na história, nasceu no ano 221 antes de Cristo, provoca uma alargada cicatriz na consciência coletiva chinesa. Os preceitos confucionistas e a divindade do império questionam-se. No início do século XX as rebeliões sucedem-se, sendo estabelecida em 1912 a República da China. No entanto, as tensões internas não cessam até que, no ano 1949, o Partido Comunista Chinês alcança o poder e funda a RPC, instaurando-se Mao Tse-Tung como líder supremo (Jowett, 2013).

⁹ Outros tratados prejudiciais para a China: o Reino Unido obteve Hong Kong em 1842; a Rússia ganhou o controlo do território no norte do rio Argun em 1858, o qual foi ampliado incluindo Vladivostok em 1860; França obteve o Vietname em 1885; o Japão adquiriu Taiwan e a Coreia atingiu a independência em 1895.



Figura 6 – Áreas coloniais de influência na China imperial

Fonte: Palmeri (2018).

Embora a RPC fosse criada após um período no qual as bases do comportamento civil chinês foram questionadas, os 2000 anos de subordinação individual aos desígnios de um líder supremo não são facilmente apagados da consciência coletiva. As diretrizes de governança do império chinês baseavam no confucionismo. Estabelecendo uma sociedade fortemente hierarquizada onde a retitude e a exemplaridade do comportamento cidadão subordinavam-se ao bem comum (Gutierrez, 2018). Estas características sociais, a debilidade económica e as humilhações sofridas, facilitaram a imposição de um regime socialista autoritário e autárquico.

Também não é simples esquecer o domínio regional na Ásia para uma sociedade orgulhosa do seu passado. A diplomacia do império chinês nunca foi semelhante à executada na Europa. O equilíbrio de poder entre as democracias após a Paz de Westfália de 1648 não tem equivalência no caso chinês. Por causa do caráter divino do imperador e da efetiva supremacia económica e militar da China, as relações diplomáticas na região eram



desenvolvidas sob um plano de superioridade (Harper, 2019). O que determinou os objetivos a atingir pelo PCC desde os primeiros estádios da implantação da RPC.

Entre os líderes de RPC destacam-se três, Mao Tse-Tung (1949-1976), Deng Xiao-Ping (1978-1997) e Xi Jinping (Desde 2012). Mao Tse-Tung teve a habilidade de estabelecer as bases para a futura evolução da China. Dotou aos cidadãos de um novo código de conduta que mantinha a subordinação do indivíduo ao interesse comum, mas que prometia colocar ao trabalhador no centro do Estado. Apresentou uma defesa da soberania chinesa baseada na guerra prolongada a grande escala contra o adversário e dotou às guerras o conceito de justiça (Tse-Tung, 2020, pp. 44-49). Estabeleceu novas relações internacionais baseadas no socialismo, e procurou a liderança chinesa dos países em vias de desenvolvimento a defender a teoria dos três mundos (*Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China*, s.d.).

Uma vez recuperado parte do prestígio perdido durante o século da humilhação, Deng Xiao-Ping focou-se no desenvolvimento económico. De forma a sossegar as reticências das potências à ascensão chinesa, balanceou a procura da evolução económica com um estancamento do poder militar e com a manutenção de relações internacionais discretas (Santayana, 2021, pp. 5-9).

Xi Jinping, consciente da posição de potência emergente da RPC e da sua capacidade económica, reativa a modernização das forças armadas e as relações internacionais proativas. Tenta projetar uma visão amável das intenções chinesas, mas não esconde as suas pretensões de evoluir no seu programa social e político com base nas suas raízes históricas. No plano interno, estabelece o mandado vitalício do líder do PCC e confia nas novas tecnologias como elemento de controlo dos cidadãos (Santayana, 2021, pp. 9-15).

Os três líderes referidos partilham uma visão do tempo com base nos preceitos confucionistas. Nesse sentido, percebem que os grandes intentos da nação precisam de tempo para serem alcançados, que as consequências das suas ações têm de manter a efetividade após as suas mortes (Tse-Tung, 2020, pp. 44-49). Este tipo de conduta alinhada desenvolvida por estes líderes dá uma grande vantagem às políticas chinesas em relação às medidas ocidentais de curto prazo, que geralmente perseguem objetivos eleitorais. Num nível puramente teórico, enfrentando as disparidades decorrentes dos conceitos ideológicos no mundo ocidental, os teóricos chineses passaram anos a trabalhar na fusão do pensamento clássico e moderno. A intenção é unificar a tradição confucionista, a comunista de Mao Tse-



Tung e as ideias reformistas de Deng Xiao-Ping numa única linha de pensamento para a Nova Era (Yang, 2005).

5.2 Análise da visão de futuro que a RPC tem para o mundo

A atual estratégia chinesa tem como alvo principal rejuvenescer a sua nação e criar uma comunidade de futuro partilhado até 2049 (Jinping, 2017, pp. 51-56), completando 100 anos de evolução da RPC desde a sua fundação após o século das humilhações. O foco desta estratégia coloca-se na modernização política e social, na expansão do poder nacional, no aperfeiçoamento dos seus sistemas de governação e na alteração da ordem internacional (Centro de Informações e Segurança Militares, 2021, p. 9).

A subordinação do indivíduo ao interesse comum e o conceito de guerra prolongada a grande escala (Tse-Tung, 2020, pp. 44-49), traduzem-se na inclusão de todos os elementos relevantes da sociedade e da economia que possam ser empregues na competição com as outras nações. A China constitui-se, portanto, como um dos países que apresenta um maior empenho na construção de um sistema estratégico civil-militar integrado. Este sistema baseia-se na salvaguarda da sua soberania, da sua segurança e dos seus interesses no conceito da defesa ativa (Centro de Informações e Segurança Militares, 2021, pp. 9-10).

A facilidade do PCC em encaminhar todos os esforços da nação na mesma direção, aliada à visão de muito longo prazo, voltada para a sobrevivência do partido, confere à China grande agilidade em tempos de crise e tremenda coerência temporal das suas medidas. Por causa disso, Xi Jinping, aproveitando as áreas com vácuos de poder e o deslocamento do centro de gravidade mundial para o Oceano Pacífico, delineou um novo sistema internacional no que a China teria uma posição predominante sendo os seus interesses vitais garantidos (Cuesta, 2021, p. 21).

Segundo o embaixador chinês em Washington, Pequim tem uma intenção tão decisiva de construir uma comunidade com um futuro comum para a humanidade que o referido ponto foi incluso na constituição do Partido Comunista Chinês e da República Popular da China (Tiankai, 2020). Esta intenção é apoiada pelo próprio presidente da RPC, que considera que esta comunidade seria um elemento básico para promover a evolução do sistema de governança global graças ao aumento da influência internacional da China, da sua capacidade de inspirar e de florescer o socialismo para uma Nova Era (Jinping, 2017, pp. 5-37).

A China argumenta que o sistema atual não é inclusivo, sendo injusto e irracional. Portanto, colocando-se ao lado dos países em desenvolvimento, bem como aproveitando as



lacunas de poder na Ásia, África e América Latina, pretende promover uma série de mudanças graduais (Zeming, 2002). A referida estratégia, aceitando sistemas não democráticos e baseando-se na exportação do modelo chinês, guarda alguma relação com a política externa anti-imperialista de Mao Tse-Tung (Cuesta, 2021, pp. 13-15). Um modelo que, com base no autoritarismo e na liderança económica do Estado, visa proporcionar um melhor sistema de governo social e opções para os países acelerarem o seu desenvolvimento mantendo a independência (Jinping, 2017, p. 9).

Apesar da Nova Ordem Internacional procurada pelas autoridades chinesas ser vendida como um sistema mais inclusivo e tolerante do que o atual, as dúvidas são significativas no Ocidente. A informação armazenada sobre os cidadãos pelos Estados e entidades privadas, apesar do desenvolvimento das leis de proteção de dados, está a aumentar. A capacidade de controlar cidadãos e influenciar na esfera cognitiva aumenta a cada dia, fornecendo armas de imenso potencial aos regimes autoritários. O dilema tradicional entre liberdade e segurança requer soluções cada vez mais complexas conforme a tecnologia avança. A possibilidade da ditadura digital é uma realidade, e o gigante tecnológico chinês começa a ser apontado como um dos primeiros com a intenção e capacidade de desenvolvê-la (Calvo, Rodríguez, Millás, Peirano & Yeste, 2020, p. 140).

Por outro lado, o esforço chinês para construir um sistema civil-militar de defesa ativa (Centro de Informações e Segurança Militares, 2021, pp. 9-10) e as suas capacidades tecnológicas de topo, dão-lhe a possibilidade de atuar em uma infinidade de novos domínios que afetam a segurança das nações. Os líderes chineses sem dúvida consideram que abordar a segurança olhando para todos esses domínios é uma condição necessária para as nações que buscam influenciar o mundo do século XXI (Liang & Xiangsui, 1999, pp. 117-118).

5.3 Síntese conclusiva

A comunidade de futuro partilhado visa estender a influência chinesa através de uma infinidade de canais, entre os quais predominam os acordos comerciais e a conectividade, seja através das infraestruturas físicas ou digitais. A postura da China não pretende impor o seu sistema político e económico. Pelo contrário, é respeitosa em relação aos regimes não democráticos e excluídos, ao menos formalmente, da atual ordem mundial. A abordagem chinesa é calma e de longo prazo. Os líderes chineses acreditam que uma política não agressiva permitirá que os países em desenvolvimento sejam atraídos pelo sucesso das suas políticas. Ao mesmo tempo, as preocupações dos países desenvolvidos acerca da ascensão da China serão mitigadas tendo por base a referida atitude calma.



Se essa política der frutos, Pequim terá dado passos enormes para reconfigurar o mapa político e económico da Ásia, notadamente alterando o jogo internacional. A China deixaria de ser um país periférico do sistema ocidental para se encontrar no centro de um novo conceito económico-político localizado na Ásia. A China alcançaria assim a aspiração perseguida desde 1949, ou seja, restabelecer a ordem asiática anterior à revolução industrial na qual os imperadores chineses, autoproclamados filhos do céu, garantiam o *Tianxia Datong* – a grande harmonia sob o céu.

O que não há mais dúvida é que a China não aceita papéis secundários na Nova Ordem Internacional. Depois do século de humilhações e perto dos cem anos de existência da RPC, o Partido Comunista Chinês entende que é chegado o momento de ocupar o cargo que, por tradição e história, corresponde à sua nação. O sucesso da sua estratégia dependerá da capacidade de vencer sem combater, noutras palavras, da sua capacidade de convencer.

Dando resposta à QD2 – Como serão determinadas as relações internacionais da RPC tendo em conta a mentalidade chinesa, a sua posição na ordem internacional pós-covid e a sua visão do futuro mundial? –, considera-se que, por um lado, as relações que os líderes chineses estabelecerão com o mundo ocidental terão a pretensão de gerar a perceção de que o regime chinês é um exemplo de eficácia e fiabilidade. Por outro lado, as relações com os países periféricos à ordem estabelecida, nomeadamente asiáticos, africanos e sul-americanos, serão focadas em seduzi-los com os benefícios de comunidade de futuro partilhado.

A declarada vontade do regime chinês de alterar a ordem internacional, a firme crença na subordinação de todos os elementos da sociedade ao bem comum, além da posse de uma capacidade económica, militar e tecnológica que lhe permite desafiar o status quo internacional, fazem da China uma candidata firme para se tornar um ativo ator estatal na guerra das perceções. O qual, caso de acontecer, poderia provocar um repensar dos conceitos de segurança e defesa na UE.



6. Possibilidades da RPC de influenciar no espaço cognitivo europeu

6.1 Descrição da relevância da guerra das percepções

A ingente quantidade de informação a gerir pelos indivíduos desde o começo da pandemia, e a dificuldade na verificação da mesma, foi definida pela Organização Mundial da Saúde como *infodemia* (*United Nations Department of Global Communications*, 2020). Este novo termo, alerta-nos da ameaça que estamos a enfrentar. No novo domínio do ciberespaço, por causa da ausência de limites e da profundidade absoluta, qualquer cidadão, nomeadamente na sua dimensão cognitiva, pode ser determinado como objetivo. De facto, “A nossa mente é um tesouro cobiçado, o Santo Graal da manipulação”¹⁰ (Baños, 2020, p. 24).

Neste sentido, a China, no seu guia estratégico militar para uma Nova Era, divulgado em 2019, estabelece a importância de adaptação a uma guerra inteligente e transversal a todos os espaços, inclusivamente ao domínio cognitivo (Santayana, 2021, pp. 9-15). Os chineses determinam como parte da estratégia militar o emprego dos sistemas inteligentes apoiados na Internet das Coisas (Masaki, Yasuhito, Hiroshi & Rira, 2020, pp. 2-55).

A exploração dessa tecnologia providenciará o acesso direto aos indivíduos de qualquer sociedade, mais ainda, tendo em conta o incremento exponencial da gestão dos dados devido às grandes possibilidades do 5G (Thales, 2020) e das novas tecnologias emergentes (Serrano, 2020, pp. 331-344). Noutras palavras, as táticas, técnicas e procedimentos chineses baseiam-se na integração organizacional das suas *offensive cyber capabilities* em todos os meios no seu alcance.

A corrida pela supremacia tecnológica, portanto, é uma realidade. Atualmente, os EUA mantêm a liderança no que diz respeito à maioria das tecnologias emergentes, como a edição genómica, a computação quântica, os biossensores e interfaces cerebrais e os sistemas de nano-satélites entre outras. No entanto, a falar das tecnologias de semicondutores, inteligência artificial e comunicações móveis, as mais importantes do ponto de vista da gestão da informação, a situação entre os EUA e a China é equilibrada (Serrano, 2020, p. 340).

Com estes antecedentes, a extrema ligação às redes sociais gerada pela COVID-19, constitui-se no catalisador perfeito para dar início à nova guerra da informação, na qual a China e os EUA são os principais contendentes (Soto, 2020). O teatro das operações

¹⁰ Tradução do autor: “*Nuestra mente es un tesoro codiciado, el Santo Grial de la manipulación*” (Baños, 2020, p. 24).



psicológicas e das campanhas de influência tem como foco os valores ocidentais, portanto, a Europa (Alfárez, 2020, pp. 1-9).

A guerra de informação tornou-se a principal forma de travar a guerra entre atores estatais e não estatais (Yaffa, 2014). A combinação de técnicas de influência com a tecnologia atual permite a manipulação de crenças e ideias na velocidade dos algoritmos e numa escala global. O campo de batalha transformou-se em todos os níveis da guerra e não se destina mais apenas a *hackear* a tecnologia, mas agora destina-se a *hackear* o espaço cognitivo (Beskow & Carley, 2019, p. 24). As potências já perceberam que a liderança geopolítica não se fará por quem possua a verdade, mas sim por quem gere a melhor verdade (Baños, 2020, p. 237).

Não podemos esquecer que, por um lado, a China é especialista na aplicação dos média digitais para o governo e controle dos seus cidadãos. As técnicas utilizadas assentam em três pilares: a manutenção das empresas nacionais em infraestruturas críticas e o controlo dos fluxos de dados; a influência e monitorização do comportamento dos seus cidadãos; e a censura na *internet* e no ciberespaço (Shi-Kupfer & Ohlberg, 2019, pp. 23-25).

O emprego destas técnicas, alicerçado num espetacular avanço nas condições de vida dos seus cidadãos, tem providenciado um forte apoio ao Partido Comunista Chinês. A instrumentalização do século das humilhações tem gerado uma grande coesão dos chineses em torno do seu líder, podendo ser considerado o povo chinês um dos mais resilientes da atualidade (Gutierrez, 2018).

Por outro lado, a China percebe que, no campo do confronto com os outros países, o domínio da informação é um pré-requisito para o controlo terrestre, marítimo e aéreo. (Masaki et al., 2020, p. 12). Considera, assim mesmo, que o combate informacional abrange três domínios: o eletrónico; o cibernético; e o psicológico. Definindo por isso, evidentemente, a sua intenção de atuar nesse combate com base, não apenas nos sistemas de informação defensivos, mas também nos ofensivos (Engstrom, 2018, p. 66).

Portanto, a China ambiciona a influência das mentes dos cidadãos, como indivíduos e como coletivo, na procura da supremacia informacional que lhe dê controle nos outros domínios (Masaki et al., 2020, pp. 26-37). A narrativa estratégica, nas suas distintas manifestações, visa atingir a hegemonia informacional com base em três vetores: a projeção de determinados valores políticos próprios de sucesso em paralelo à moralidade ocidental decadente; a legitimação da sua posição no cenário internacional face a uma ordem mundial desatualizada; a eficácia e agilidade das suas ações nos negócios estrangeiros e nos assuntos



internos comparativamente à lentidão das reações no Ocidente (Roselle, Miskimmon, & O'Loughlin, 2014, pp. 71-78).

Ocidente no geral, e a UE no particular, têm de compreender que o combate das percepções se baseia na competência entre fatores tais como os valores, as crenças e as ideologias, sendo a eficácia dos sistemas sociais fundamental ao suporte de todos eles. Contrariamente, as ambiguidades e as lacunas de poder, constituem-se nas maiores fraquezas a serem aproveitadas para aumentar as tensões internas e modificar opiniões e preferências (Alfárez, 2020, p. 5).

6.2 Análise das mensagens que a RPC pretende difundir

A COVID-19 teve um impacto extraordinário na liderança política ocidental e na governança pública. A gravidade da situação e a avidez da sociedade por informações tem causado a superexposição dos líderes políticos e o estabelecimento da linguagem das emoções, causando a polarização de posições políticas e sociais (Manfredi, 2021, p. 1-3). Dessa forma, destacou-se empiricamente a relação extraordinariamente relevante entre poder e comunicação.

A referida superexposição de presidentes e primeiros-ministros europeus contrasta com a ausência de uma liderança clara da UE. A necessidade de imediatismo na comunicação e de expressarem proximidade, fez com que o uso das redes sociais se generalizasse. Estes fatores combinados, gerou ambiguidades, lacunas de poder e um excesso de mensagens vazias de conteúdo, mas com forte carga emocional que permitiram o surgimento e introdução de novas narrativas (Crilley, 2018).

Esses vácuos de poder foram explorados pela narrativa estratégica da China com a intenção de fortalecer os seus laços com a Europa. Devido à sua relevância estratégica e ao importante mercado que abrange, a Europa representa uma das principais prioridades da China na sua busca pela liderança mundial. A competição crescente e a guerra comercial com os EUA ampliaram a importância desse relacionamento (Brattberg & Corre, 2020).

Além do exposto, conforme o gráfico 5, a sociedade europeia apresenta uma visão mais pessimista do seu próprio futuro do que outras sociedades teoricamente menos desenvolvidas (Stokes, 2017, pp. 15-18). A sensação de um incremento constante dos riscos globais e de alarme social geram medo na sociedade europeia (Eizagirre, 2005, pp. 172-177). Uma sociedade eventualmente acomodada demais. O medo transtorna a mente chegando a anulação do raciocínio e, no caso do pânico coletivo, transformando as comunidades



racionais em multidões perto de um estado hipnótico ou, inclusivamente, violento (Riesco, 2021, pp. 1-4).

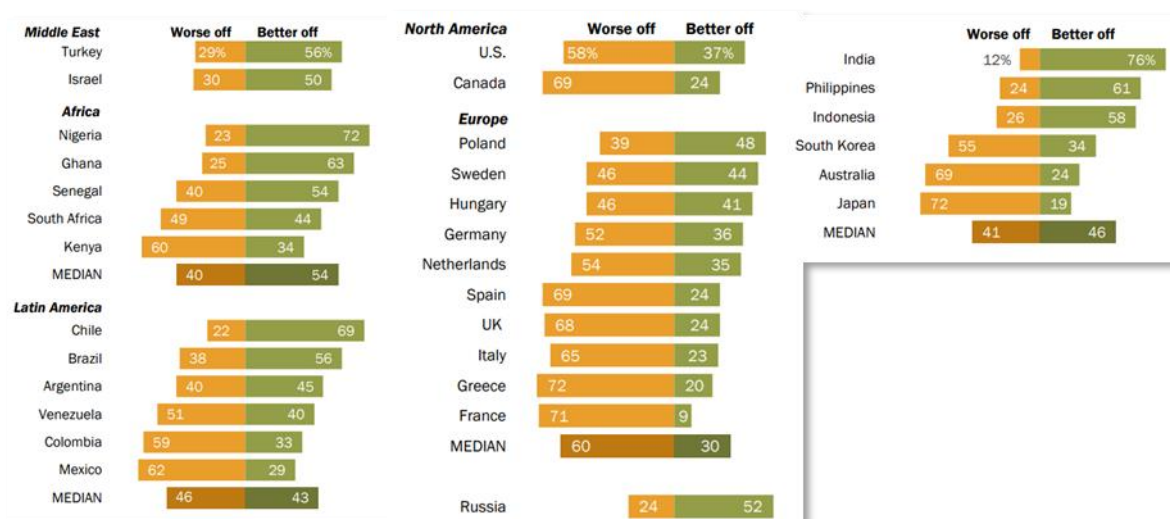


Gráfico 5 – Opiniões atuais sobre a qualidade de vida da geração a seguir

Fonte: Stokes (2017, p. 15-18).

Com estes antecedentes, a COVID-19 vem funcionar como catalisador de uma situação que precisava de um iniciador. Assim sendo, enquanto os casos de coronavírus começaram a diminuir na China, segundo as suas fontes oficiais, e aumentarem no Ocidente, a informação e a máquina diplomática chinesa começaram a espalhar um novo relato para culpar os EUA e se oferecer à Europa como salvadores (Soto, 2020, p. 15). A China distribuiu ajuda humanitária em 120 países graças às infraestruturas do BRI, no que é conhecido como a diplomacia das máscaras. O seu apoio à Sérvia, ponto de atrito entre a UE, a Rússia e a China, foi elogiado pelo presidente Vucic (Manfredi, 2021, pp. 4-5).

Mesmo dentro da UE, tem acontecido uma forte polarização da sociedade em relação ao apoio humanitário chinês. O caso italiano é paradigmático. Após uma intensa campanha nas redes sociais apoiadas por *bots*¹¹, 52% dos italianos consideram a China o principal país amigo, 42 pontos acima do percentual do ano anterior (Coratella, 2020). Além disso, aprecia-se no gráfico 6 que é um dos poucos países em que, em 2020, não aumentou a percentagem da população que tem uma perceção desfavorável da China (Silver, Devlin, & Huang, 2020, p. 4).

¹¹ Programas de software que executam tarefas automatizadas, repetitivas e predefinidas. Podem adulterar os resultados de campanhas nas redes sociais, contribuindo a gerar opiniões numa pretendida orientação. <https://www.kaspersky.com/resource-center/definitions/what-are-bots>

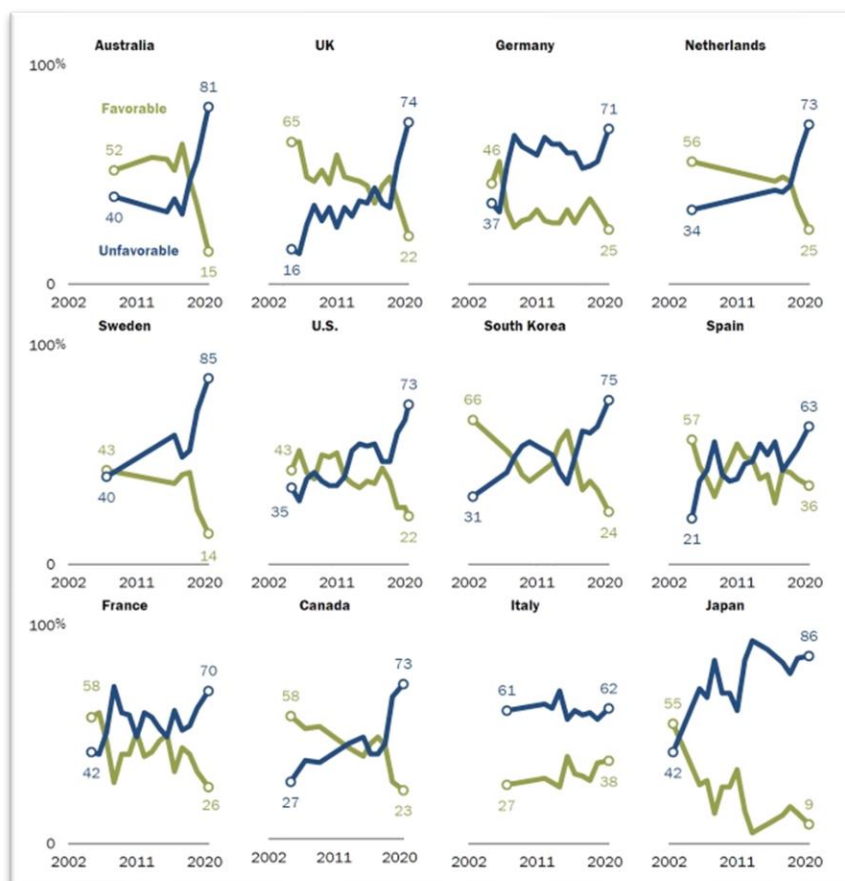


Gráfico 6 – Evolução da percepção positiva e negativa da China

Fonte: Silver et al., (2020, p. 4).

Por causa da crise da COVID-19, a China está numa posição económica confortável em relação ao restante das potências. No entanto, precisa gerar uma percepção entre os cidadãos ocidentais de que é uma nação confiável. A eficácia das suas políticas públicas é a base sobre a qual pretende estabelecer a sua doutrina de legitimidade. Através do seu desenvolvimento tecnológico, da sua capacidade logística e das infraestruturas globais geradas nos últimos anos, tem tentado mostrar ao mundo a sua habilidade para liderar a recuperação global perante um desafio tão exigente como uma pandemia (Manfredi, 2021, pp. 10-11).

No entanto, a China não se limita apenas a enviar uma mensagem sobre sua capacidade de liderança global. Com o envio do seu apoio sanitário apenas a alguns países, provoca a luta dos Estados-Membros da UE pela sua obtenção, criando divisão e enfraquecendo à união. Por outro lado, o aparente desaparecimento de casos de COVID-19 dentro das suas fronteiras graças ao rígido controlo tecnológico da nação, pode aumentar a percepção entre a população europeia de que fortes poderes nacionais têm uma maior capacidade para proteger



os interesses dos cidadãos. O que mais uma vez enfraquece à UE e polariza as posições políticas internas dos países. Da mesma forma, o descrédito dos EUA como cultura hegemónica visa criar uma lacuna social e cultural que deverá ser preenchida com um novo conceito.

Após o estudo realizado e tendo em conta os resultados da análise de conteúdo que podem ser consultados no apêndice A, consideram-se confirmadas três linhas de influência que a China pretende seguir na sua ação no domínio cognitivo europeu. Em primeiro lugar, visa deslegitimar a ordem internacional estabelecida, fundamentalmente através da deslegitimação histórica e moral. Em segundo lugar, procura evidenciar as fraquezas dos sistemas europeus através da geração de desconfiança nos atuais partidos e líderes políticos, assim como no futuro da Europa. Por último, tenta expor as virtudes do sistema chinês através da propaganda da sua tradição pacifista e da criação de uma imagem de país solvente, confiável e eficaz.

As entrevistas efetuadas como sustento das conclusões que estão a ser obtidas nesta investigação, e que podem ser consultadas no apêndice B, não outorgam margem para a dúvida relativamente a intenção da RPC de exercer a sua influência no domínio cognitivo da UE em benefício dos seus interesses. Igualmente, é considerado de forma unânime que a UE deve ponderar a proteção do seu domínio cognitivo do ponto de vista da segurança e da defesa.

A posição geoestratégica que a UE ocupa entre os dois candidatos à liderança mundial, permite-lhe ter a capacidade de conceber uma estratégia que impeça a ascensão da China à hegemonia internacional. A China sabe que a evolução da Europa será fundamental no desenho da futura ordem mundial e é por isso que pretende atuar no domínio cognitivo europeu. Portanto, a UE deve atuar com a força que aporta a sua posição determinante sem se esquecer de planear a melhor forma de se enquadrar na possível Nova Ordem Internacional. Nessa nova situação, os ideais democráticos ocidentais poderiam ser ultrapassados pelos determinados pelo Partido Comunista Chinês (Santayana, 2021a, pp. 04-09).

A UE precisa urgentemente de um roteiro claro para enfrentar o desafio apresentado pela China (Piqué, 2021). No entanto, devido à evolução constante e consolidada da China nos últimos anos, não faz sentido que a UE assuma uma estratégia de contenção. A China não pretende impor o seu modelo às outras nações. Como grande potência comercial, precisa



de um contexto internacional razoavelmente estável, mas, por outro lado, fraco o suficiente para permanecer sob o controlo da sua hegemonia (Santayana, 2021a, pp. 10-15).

Frente à tentativa chinesa de debilitar à UE a solução mais certa passa, sem dúvida nenhuma, por mais Europa. Ante colossos geoestratégicos da medida da RPC, não se apresentam eficazes as atuações isoladas que os europeus têm contemplado desde o início da pandemia. A ordem global baseada nas normas que a estratégia ocidental conhecia não vai voltar no curto prazo. No entanto, acreditar que um país sozinho ou saindo das regras da União, terá maiores oportunidades de obter lucros da relação chinesa, é um grande erro que o poder chinês pretende provocar.

A UE está ciente da batalha de narrativas que está a ser travada na luta para mudar a Ordem Mundial. A gravidade desta alteração dependerá das decisões tomadas tanto pela UE conjuntamente, como pelas entidades nacionais concorrentemente ao bem comum. Como a principal tarefa da união neste momento destaca-se demonstrar, em termos concretos, a eficácia e a responsabilidade dos europeus em tempos de crise (Borrell, 2020). É ante os implacáveis desafios históricos que as nações e as alianças têm de aceitar as responsabilidades de liderança moral e política que a história pretende que assuma (Kennan, 1947).

6.3 Síntese conclusiva

O desenvolvimento tecnológico, geralmente relacionado com o aumento do *hard power* das nações, está cada vez mais relacionado à projeção do *soft power*. Em outras palavras, refere-se à capacidade dos Estados e atores não estatais em influenciar o comportamento dos outros. Portanto, as batalhas atuais e futuras estão a ser travadas naquela zona do espectro dos conflitos que se aproxima dos limites da lealdade entre os Estados e que, mesmo modificando consideravelmente as condições estabelecidas, não atingem o mínimo necessário para uma resposta armada legítima.

As duas potências mundiais atualmente em clara vantagem neste setor, especialmente enquanto às tecnologias emergentes, são os EUA e a China. A corrida tecnológica é uma realidade e as próximas duas décadas serão fundamentais. Paralelamente, a crise do COVID-19 acelerou a já iniciada guerra das perceções, para a qual essas novas tecnologias são peças fundamentais.

A China tem um interesse óbvio na Europa, tanto porque é uma potência comercial fundamental nos planos económicos chineses, quanto porque representa o centro dos valores ocidentais. Poderíamos interpretar que, mais uma vez, o teatro de operações de uma guerra



mundial será a Europa, com a particularidade de que neste caso as batalhas acontecerão no domínio cognitivo.

Procurando responder à QD3 – Quais as linhas de influência sobre o domínio cognitivo europeu nas que a RPC pretende atuar? –, conclui-se que a China tenta atuar com base em três linhas de influência no espaço cognitivo europeu. Em primeiro lugar, visa deslegitimar a ordem internacional estabelecida, fundamentalmente através da deslegitimação histórica e moral. Em segundo lugar, tenta mostrar as fraquezas dos sistemas europeus, através da geração de desconfiança nos partidos e dirigentes políticos, assim como no futuro da Europa. Por fim, tenta divulgar as virtudes do sistema chinês por meio da propaganda da sua tradição pacifista e da criação de uma imagem de país solvente, confiável e eficaz.

Com base nestas três linhas de influência, o conceito da Europa e da UE, tal como os conhecemos até agora, está em risco. O gigante tecnológico chinês, por meio dos aparelhos digitais que todos os europeus usam no dia a dia, tem a capacidade de obter mais informações do que qualquer outro potencial rival jamais teve. Em suma, a UE, embora precise de uma coordenação técnica na segurança e defesa, terá de enfrentar esta ameaça crescente com uma abordagem holística. A vitória na guerra das percepções requer dois apoios fundamentais: 1) a educação da sociedade acerca do emprego responsável dos meios digitais e numa análise crítica e pessoal da informação recebida; e 2) a recuperação da confiança entre os cidadãos e os seus líderes.



7. Conclusões

O estudo realizado insere-se no tema que tem determinado o noticiário e a agenda internacional desde o início de 2020. A pandemia provocada pela COVID-19 modificou o ritmo e a evolução de diversos processos. Certas atividades comerciais pararam quase totalmente e outras beneficiaram exponencialmente. A digitalização que diferentes sociedades planeavam foi necessariamente acelerada. As inércias geopolíticas foram repentinamente modificadas.

Consequentemente, as relações entre os indivíduos, entre os cidadãos e líderes políticos e entre os líderes das nações foram modificadas. Geraram-se dúvidas, incertezas e lacunas de informação que representam oportunidades de atuação sobre o domínio cognitivo. Esta investigação pretende formular, com base na análise da mentalidade e da posição geoestratégica chinesa, as linhas de influência que a República Popular da China poderia desenvolver no domínio cognitivo da Europa e que poderiam constituir uma ameaça para a segurança e defesa da UE.

Parte-se da conceção geral segundo a qual um dos objetivos das potências geopolíticas é influenciar os seus aliados e rivais. Portanto, estabelece-se como hipótese inicial que a RPC, devido à sua evolução económica favorável durante a pandemia, pretende atuar no domínio cognitivo da UE para se firmar como potência hegemónica no horizonte de 2049. A verificação da referida hipótese é realizada através de um raciocínio dedutivo e com base na análise documental e na observação não participante.

Apesar de a origem da pandemia ainda ser desconhecida, não há dúvida de que a China tem sido a grande beneficiária económica dessa situação e os dados macroeconómicos o atestam. Ao mesmo tempo, a sua gestão da crise permitiu-lhe ter suprimentos médicos para exportar, expandir as suas relações comerciais e desenvolver a diplomacia das máscaras. O que responde à QD1 em relação à favorável evolução da economia chinesa durante 2020.

Quanto aos conceitos chineses de tempo e relacionamento, tanto sociais quanto políticos, deve-se entender que são muito diferentes daqueles do Ocidente. A China é um país paciente e pragmático que dá mais importância à permanência no tempo do que ao imediatismo. Portanto, a responder à QD2, considera-se que é tremendamente lucrativo para a China conquistar as mentes dos seus interlocutores internacionais. Diante dos países avançados, a sua abordagem será baseada em oferecer uma imagem de nação confiável, eficiente e eficaz. Em relação aos países periféricos, a RPC tentará seduzi-los com base nos benefícios que a comunidade de futuro partilhado pode-lhes trazer.



Finalmente, dando resposta à QD3 e à QC, conclui-se que a RPC tenta atuar com base em três linhas de influência no espaço cognitivo europeu. Em primeiro lugar, visa deslegitimar a ordem internacional estabelecida, fundamentalmente através da deslegitimação histórica e moral. Em segundo lugar, tenta mostrar as fraquezas dos sistemas europeus através da geração de desconfiança nos partidos e dirigentes políticos, assim como no futuro da Europa. Por fim, tenta divulgar as virtudes do sistema chinês por meio da propaganda da sua tradição pacifista e da criação de uma imagem de país solvente, confiável e eficaz.

Este estudo pretende contribuir para o conhecimento da sociedade europeia no sentido de sensibilizar para o enorme potencial de desenvolvimento, a forte determinação, a inegável paciência e o extraordinário pragmatismo dos líderes chineses no seu objetivo de recuperar a posição privilegiada da China Imperial. Da mesma forma, pretende-se mostrar que os valores ocidentais não serão os únicos válidos a partir de agora, num quadro onde a China oferece uma visão diferente dos valores e liberdades. Portanto, a UE deve estar preparada para se defender perante um provável usso massivo das tecnologias emergentes na busca de influência sobre os indivíduos.

A pesquisa limitou-se à formulação das linhas de influência, mas no desenvolvimento do estudo surgem questões interessantes que são propostas para estudos futuros:

- Tanto na crise atual como em 2008, a China tem mostrado que, devido ao seu vasto mercado interno, é a única nação que tem a capacidade de focar o seu desenvolvimento económico dentro das suas fronteiras sem sofrer consequências preocupantes nos tempos de incerteza. Portanto, deve a comunidade internacional observar a possibilidade de o governo chinês ser tentado a provocar futuras crises mundiais para controlar a ordem mundial?
- Quais as técnicas, táticas, procedimentos e tecnologias que a China utilizará preferencialmente para inserir as mensagens definidas?
- Na UE, a fragilidade das instituições e a polarização da sociedade foram geradas espontaneamente devido à evolução histórica? Ou, pelo contrário, foi inferido por potências rivais, tais como a China?

Gostaria de encerrar este trabalho observando que o objetivo dos nossos inimigos potenciais deixou de ser a conquista do território para se concentrar na conquista das mentes. A UE tem de estar ciente que, nesta nova forma de guerra, o envolvimento dos cidadãos e recuperar a confiança nas instituições é essencial. A verdade deixou de ser o importante para



dar passo à confiança como base da democracia. Portanto, a educação da sociedade num emprego responsável dos meios digitais e numa análise crítica e pessoal da informação recebida, assim como a recuperação da confiança entre os cidadãos e os seus líderes, determinarão as possibilidades europeias de vitória na nova guerra das perceções.



Referências bibliográficas

- Alfárez, N. P. (2020). *Redes sociales y COVID. Herramientas para infodemia*. Madrid: IEEE. Retirado de: http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_opinion/2020/DIEEE0163_2020NURPOR_infodemiaCovid.pdf.
- Alta Representante da UE para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança. (2016). *Comunicação conjunta ao Parlamento Europeu e ao Conselho. Quadro comum em materia de luta contra as ameaças híbridas*. Bruxelas: Comissão Europeia. Retirado de: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/c35240f2-fca1-11e5-b713-01aa75ed71a1/language-pt>.
- Angela Stanzel, Rolland, N., Jacob, J., & Hart, M. (2017). *Grand designs: Does China have a 'Grand Strategy'?* Londres: European Council on Foreign Relations.
- Baños, P. (2020). *El dominio mental. La geopolítica de la mente*. Barcelona: Editorial Planeta.
- BBC News. (2020, 16 de novembro). RCEP: Asia-Pacific countries form world's largest trading bloc. [Página BBC]. Retirado de: <https://www.bbc.com/news/world-asia-54949260>.
- BBVA. (2021). *China Economic Outlook. 2Q21. BBVA research*. Madrid: Autor. Retirado de: <http://www.focus-economics.com/countries/china>.
- Belt and Road Research Platform. (2021, 1 de março). The BRI And China's international trade map. [Página Belt and Road Research Platform]. Retirado de: <https://www.beltroadresearch.com/the-bri-and-chinas-international-trade-map/>.
- Beskow, D. M., & Carley, K. M. (2019). La ciberseguridad social: Un ámbito emergente de la seguridad nacional. *Military Review*, 19(2), 23–33.
- Blackwill, R. D., & Harris, J. M. (2016). *War by Other Means: Geoeconomics and statecraft*. Cambridge: The Belnap Press of Harvard University Press.
- Borrell, J. (2020, 24 de março). EU HRVP Josep Borrell: The Coronavirus pandemic and the new world it is creating. [Página Delegation of the European Union to China]. Retirado de: https://eeas.europa.eu/delegations/china/76401/eu-hrvp-josep-borrell-coronavirus-pandemic-and-new-world-it-creating_en.
- Brattberg, E., & Corre, P. Le. (2020, 15 de abril). COVID-19 Isn't turning Europe pro-China, yet. [Página The Diplomat]. Retirado de: <https://thediplomat.com/2020/04/no-covid-19-isnt-turning-europe-pro-china-yet/>.



- Buesa, A. (2020). *China: impacto de la pandemia y reactivación económica*. Madrid: Banco de España. Retirado de: <https://www.bde.es/f/webbde/SES/Secciones/Publicaciones/InformesBoletinesRevistas/ArticulosAnaliticos/20/T4/descargar/Fich/be2004-art35.pdf>.
- Calvo Albero, J. L., Rodríguez, D. D., Millás, V. M., Peirano, M., & Yeste, M. P. (2020). *Implicaciones en el ámbito cognitivo en las operaciones militares*. Madrid: Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional.
- Cardenal, J. P., Kucharczyk, J., Meseznikov, G., & Pleschova, G. (2017). *Sharp power: rising authoritarian influence*. Washington DC: National Endowment for Democracy.
- Centre for Economics and Business Research. (2020). *World economic league table 2021*. Londres: Autor. Retirado de: <https://cebr.com/wp-content/uploads/2020/12/WELT-2021-final-23.12.pdf>.
- Centro de Informações e Segurança Militares. (2021). *Intelligentia. Boletim informativo do Centro de Informações e Segurança Militares*. Lisboa: Estado-Maior-General das Forças Armadas portuguesas.
- Coratella, T. (2020, 17 de abril). The dangers of crisis diplomacy: Italy, China and Russia. [Página *European Council on Foreign Relations*]. Retirado de: https://ecfr.eu/article/commentary_the_dangers_of_crisis_diplomacy_italy_china_and_russia/.
- Crilley, R. (2018). Book review essay. International relations in the age of ‘ post-truth ’ politics. *International Affairs*, 94(2), 417–425.
- Cuesta, B. L. (2021). *La política exterior de China y la comunidad de futuro compartido*. Madrid: IEEE. Retirado de: http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_opinion/2021/DIEEE001_2021BORLLA_exteriorChina.pdf.
- Deutsche Welle. (2021, 15 de fevereiro). China supera por primera vez a Estados Unidos como principal socio comercial de la UE. [Página *Deutsche Welle*]. Retirado de: <https://www.dw.com/es/china-supera-por-primera-vez-a-estados-unidos-como-principal-socio-comercial-de-la-ue/a-56575954>.
- Dicken, P. (2015). *The center of gravity shifts: Transforming the geographies of the global economy*. Londres: SAGE Publications Ltd.
- Dombrovskis, V. (2021, 18 de fevereiro). Introductory remarks by Executive Vice-President Valdis Dombrovskis at the launch of the Open, Sustainable and Assertive Trade Policy



- Press Conference. [Página *European Commission*]. Retirado de: https://ec.europa.eu/commission/commissioners/2019-2024/dombrovskis/announcements/introductory-remarks-executive-vice-president-valdis-dombrovskis-launch-open-sustainable-and_en.
- Dong, J. (2020). *China. Understanding the 14th five-year plan and the 2035 long-term development target*. Madrid: BBVA Researches. Retirado de: <https://www.bbvaresearch.com/publicaciones/china-decimocuarto-plan-quinquenal-y-objetivo-de-desarrollo-a-largo-plazo-para-2035/>.
- Eckert, A., & Higgins, D. (2020, s.d.). Cronologia dos principais momentos de um surto na China que evoluiu para pandemia global. [Página *SIC Noticias*]. Retirado de: <https://sicnoticias.pt/especiais/coronavirus/2020-03-16-Cronologia-dos-principais-momentos-de-um-surto-na-China-que-evoluiu-para-pandemia-global,>.
- Eizagirre, A. (2005). Gil Calvo, Enrique. El miedo es el mensaje: Riesgo, incertidumbre y medios de comunicación. *Papers*, 75(301), 171–180. <https://papers.uab.cat/article/view/v75-eizagirre/pdf-es>
- Engstrom, J. (2018). *Systems Confrontation and System Destruction Warfare. How the Chinese People's Liberation Army seeks to wage modern warfare*. California: RAND Corporation.
- Eurostat. (2021). *Euro area international trade in goods surplus €17.7 bn*. Bruxelas: Autor. Retirado de: <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/11563039/6-16042021-BP-EN.pdf/61355ed2-0b18-2181-7415-9f5655c14cd4>.
- Fisher, J. (2020, s.d.). What kind of great power can Europe become? [Página *New Europe*]. Retirado de: <https://www.neweurope.eu/article/what-kind-of-great-power-can-europe-become/>.
- Freire, P., & Shor, I. (2006). *Medo e ousadia. O cotidiano do professor*. São Paulo: Paz e terra.
- Freixo, M. J. V. (2011). *Metodología científica. Fundamentos, métodos e técnicas* (3ª). Lisboa: Instituto Piaget.
- Fundo Monetário Internacional. (2020). *World economic outlook. A Long and Difficult Ascent*. Whashington DC: Autor. Retirado de: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/09/30/world-economic-outlook-october-2020>.
- Fundo Monetário Internacional. (2021). *World economic outlook. Managing divergent*



- recoveries*. Whashington DC: Autor.
- García, E. J. (2021). *¿Un aglobalización armada de China?* Madrid: IEEE. Retirado de: http://www.ieee.es/contenido/noticias/2021/04/DIEEE037_2021_EDGJIM_Globalizacion.html.
- Gisela, G. (2020). *China's economic recovery and dual circulation model*. Bruxelas: Parlamento Europeu. Retirado de: [https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2020/659407/EPRS_BRI\(2020\)659407_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2020/659407/EPRS_BRI(2020)659407_EN.pdf).
- Guerra, I. C. (2014). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncípia Editora, Lda.
- Gutierrez, P. A. (2018, 17 de outubro). ¿Cómo ve el mundo China? De Confucio al siglo de la humillación. [Página *Debate21*]. Retirado de: <https://debate21.es/2018/10/17/como-ve-el-mundo-china-de-confucio-al-siglo-de-la-humillacion/>.
- Harper, T. (2019, 19 de julho). How the century of humiliation influences China's ambitions today. [Página *University of Exeter Centre for Imperial & Global History*]. Retirado de: https://imperialglobalexeter.com/2019/07/11/how-the-century-of-humiliation-influences-chinas-ambitions-today/#_ftn8.
- Heginbotham, E., Nixon, M., Morgan, F., Heim, J., Hagen, J., Li, S., Engstrom, J., Libicki, M., DeLuca, P., Shlapak, D., Frelinger, D., Laird, B., Brady, K., & Morris, L. (2018). *The U.S.-China military scorecard: forces, geography, and the evolving balance of power, 1996-2017*. California: RAND Corporation. Retirado de: https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR300/RR392/RAND_RR392.pdf.
- Huang, B., Ortiz, A., Rodrigo, T., & Xia, L. (2019). *China. Five facts about outward direct investment and their implication for future trend*. Madrid: BBVA Researches. Retirado de: http://www.iberchina.org/files/2019/china_odi_bbva.pdf.
- Huang, B., & Xia, L. (2018). *China economic watch. ODI from the Middle Kingdom: What's next after the big turnaround?* Madrid: BBVA Researches. Retirado de: <https://www.bbvaresearch.com/en/publicaciones/china-odi-from-the-middle-kingdom-whats-next-after-the-big-turnaround/>. https://www.bbvaresearch.com/wp-content/uploads/2018/02/201802_ChinaWatch_China-Outward-Investment_EDI.pdf
- Inkster, N. (2021, 18 de janeiro). Entrevistado por Meia Nouwens [Webinar]. Conselheiro sênior da cibersegurança e da China no International Institute for Strategic Studies.



- Retirado de: <https://www.iiss.org/events/2021/01/the-great-decoupling>.
- Institute for Security & Development Policy. (2018). *Made In China 2025: Backgrounder report*. Estocolmo: Autor. Retirado de: <https://isdpeu/content/uploads/2018/06/Made-in-China-Backgrounder.pdf>.
- Instituto de Seguridad y Cultura. (2021). El panorama geoestratégico mundial. General de Brigada Francisco José Dacoba. Director del Instituto Español de Estudios Estratégicos. [Vídeo online]. Retirado de: <https://www.youtube.com/watch?v=rm7IAJSTtP0>.
- Jinping, X. (2017, Outubro). *Secure a decisive victory in building a moderately prosperous society in all respects and strive for the great success of socialism with chinese characteristics for a new era Xi Jinping*. Relatório apresentado no 19º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, Pequim. Retirado de: http://news.xinhuanet.com/english/special/2017-11/03/c_136725942.htm.
- Jowett, P. (2013). *China's Wars. Rousing the Dragon 1894-1949*. Oxônia: Osprey Publishing.
- Kai, J. (2013, 28 de novembro). Can China build a community of common destiny? [Página *The Diplomat*]. Retirado de: <https://thediplomat.com/2013/11/can-china-build-a-community-of-common-destiny/>.
- Kennan, G. F. (1947, Julho). The sources of soviet conduct. [Página *Foreign Affairs*]. Retirado de: <https://www.foreignaffairs.com/articles/russian-federation/1947-07-01/sources-soviet-conduct>.
- Khalil, L. (2020). *Digital Authoritarianism, China and COVID*. Sydney: Lowy Institute Analyses. Retirado de: <https://www.lowyinstitute.org/publications/digital-authoritarianism-china-and-covid>.
- Latham, D. (2020, s.d.). Joschka Fischer. German politician. [Página *Encyclopaedia Britannica*]. Retirado de: <https://www.britannica.com/biography/Joschka-Fischer>. <https://doi.org/10.1016/B978-0-323-60984-5.00062-7>
- Liang, Q., & Xiangsui, W. (1999). *Unrestricted warfare*. Pekin: PLA Literature and Arts Publishing House. Retirado de: https://archive.org/details/Unrestricted_Warfare_Qiao_Liang_and_Wang_Xiangsui/page/n5/mode/2up.
- Lons, C., & Nouwens, M. (2021, 7 de abril). China-Iran deal: much ado about nothing? [Página *International Institute for Strategic Studies*]. Retirado de: <https://www.iiss.org/blogs/analysis/2021/04/china-iran-deal>.



- Manfredi, J. L. (2021). *El impacto de COVID-19 en la narrativa estratégica internacional*. Madrid: IEEE. Retirado de: http://www.ieee.es/publicaciones-new/COVID-19/DIEEEEO04_2021_JUAMAN_NarrativaEstrategica.html.
- Masaki, Y., Yasuhito, F., Hiroshi, I., & Rira, M. (2020). *NIDS China Security Report 2021. China's Military Strategy in the New Era*. Tokio: The National Institute for Defense Studies.
- Matos, M. (2006). Isabel Carvalho Guerra, Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo. Sentido e formas de uso. *Cidades: Comunidades e Territórios*, 12(13), 203–210. revistas.rcaap.pt/cct/article/download/9241/6688
- Ministerio da Defesa. (2017). *Informação nº 09/2017/DE-AEA*. Lisboa: Autor.
- Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China. (s.d.). Chairman Mao Tse-Tung's theory on the division of the three world and the strategy of forming an alliance against an opponent. [Página *Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China*]. Retirado de: https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/ziliao_665539/3602_665543/3604_665547/t18008.shtml.
- Neethling, T. (2015). China's international peacekeeping contributions and the evolution of contemporary chinese strategic considerations. *Strategic Review for Southern Africa*, 37(2), 7–28.
- Nieves, V. (2019, s.d.). China gana la partida economica mundial. [Página *El Economista*] Retirado de: <https://www.eleconomista.es/economia/noticias/10831746/10/20/China-gana-la-batalla-economica-mundial-asi-aprovecha-Pekin-la-crisis-del-covid19.html>.
- Nouwens, M. (2021). *China's Digital Silk Road: Integration into national IT infrastructure and wider implications for Western defence industries*. Londres: The International Institute for Strategic Studies. Retirado de: <https://www.iiss.org/blogs/research-paper/2021/02/china-digital-silk-road-implications-for-defence-industry>.
- NSC Total. (2013, s.d.). Confira as 12 lições do General Sun Tzu.pdf. [Página *NSC Total*] Retirado de: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/confira-as-12-lico-es-do-general-sun-tzu>.
- Nye, J. S. (2004). *Power in a global information age: from realism to globalization*. Londres, Nueva Iorque: Routledge.
- Nye, J. S. (2017). Soft power: the origins and political progress of a concept. *Palgrave Communications*, 3(1), 1–3. <https://doi.org/10.1057/palcomms.2017.8>



- O'Brien, R. C. (2020, 21 de outubro). How China threatens american Democracy. [Página *Foreign Affairs*]. Retirado de: <https://www.foreignaffairs.com/articles/china/2020-10-21/how-china-threatens-american-democracy>.
- Our world in data. (2021, 24 de abril). Evolução da população. [Página *Our World in Data*]. Retirado de: <https://ourworldindata.org/grapher/population-by-country>.
- Pacheco, R. (2016). O desenho metodológico de uma pesquisa qualitativa sobre cinema e educação. *Revista Do Programa de Pós-Graduação Em Comunicação Da Universidade Federal de Juiz de Fora*, 10(2), 1–18. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2016.v10.21289>
- Palmeri, M. (2018, 15 de janeiro). China Imperialism. Spheres of Influence. [Página *Sutori*]. Retirado de: <https://www.sutori.com/story/china-imperialism-spheres-of-influence--uNGYLJSghztXA1tGQeLBQH2s>.
- Pellicer, L. (2021, 18 de fevereiro). La Unión Europea rediseña su política comercial para hacer frente a EEUU y China. [Página *El País*]. Retirado de: <https://elpais.com/internacional/2021-02-17/la-union-europea-redisena-su-politica-comercial-para-hacer-frente-a-ee-uu-y-china.html>.
- Piqué, J. (2021, 5 de fevereiro). EEUU necesita un telegrama largo sobre China. [Página *Política Exterior*]. Retirado de: <https://www.politicaexterior.com/eeuu-necesita-un-telegrama-largo-sobre-china/>.
- Pomeranz, K. (2001). *The great divergence. China, Europe and the making of the modern world*. Nueva Jersey: Princeton University Press.
- RCEP. (2020a, 15 de novembro). ASEAN hits historic milestone with signing of RCEP. [Página *RCEP*]. Retirado de: <https://rcepsec.org/2020/11/26/asean-hits-historic-milestone-with-signing-of-rcep/>.
- RCEP. (2020b, 1 de dezembro). RCEP, a new trade agreement that will shape global economics and politics. [Página *RCEP*]. Retirado de: <https://rcepsec.org/2020/11/26/rcep-a-new-trade-agreement-that-will-shape-global-economics-and-politics/>.
- Real Instituto Elcano. (2021, 19 de abril). *Índice presencia global del Real Instituto Elcano*. [Página *Real Instituto Elcano*]. Retirado de: http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/rielcano_es/.
- Riesco, J. A. G. (2021). *Miedo y guerra*. Madrid: IEEE. Retirado de: http://www.ieee.es/Galerias/fichero/docs_opinion/2021/DIEEE009_2021_JESGAR_



MiedoGuerra.pdf.

- Roselle, L., Miskimmon, A., & O'Loughlin, B. (2014). Strategic narrative: A new means to understand soft power. *Media, War and Conflict*, 7(1), 70–84.
- Rudd, K. (2021, 01 de abril). Short of war. How to keep U.S.-Chinese confrontation from ending in calamity. [Página *Foreign Affairs*]. Retirado de: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2021-02-05/kevin-rudd-usa-chinese-confrontation-short-of-war>.
- Santayana, J. P. de. (2021a). *¿Y china qué? ¿habrá un telegramo largo para la UE?* Madrid: IEEE. Retirado de: http://www.ieee.es/contenido/noticias/2021/04/DIEEEA14_2021_JOSPAR_Telegram.html.
- Santayana, J. P. de. (2021b). *Modernización de las Fuerzas Armadas chinas*. Madrid: Instituto Español de Estudios Estratégicos.
- Santos, L. A. B. dos, Lima, J. M. M. do V., Garcia, F. M. G. P. P., Monteiro, F. T., Silva, N. M. P. da, Silva, J. C. do V. F. da, Santos, R. J. R. P. dos, Afonso, C. F. N. L. D., & Piedade, J. C. L. (2019). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. 2ª Ed. Lisboa: Instituto Universitário Militar-Centro de Investigação e Desenvolvimento.
- Schwab, K., & Malleret, T. (2020). *Covid-19: The great reset*. Genève: Forum Publishing.
- Serrano, G. L. (2020). *Cuadernos de estrategia 207. Rpercusiones estratégicas del desarrollo tecnológico. Impacto de las tecnologías emergentes en el posicionamiento estratégico de los países*. Madrid: Ministério de Defensa de España.
- Shi-Kupfer, K., & Ohlberg, M. (2019). China's digital rise. Challenges for Europe. *Papers on China*, 7, 1–58.
- Silver, L., Devlin, K., & Huang, C. (2020). Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries. *Pew Research Center*, 29. <https://www.pewresearch.org/global/2020/10/06/unfavorable-views-of-china-reach-historic-highs-in-many-countries/>
- Soto, J. A. (2020). *La guerra de percepción en la crisis de la COVID-19*. Madrid: IEEE. Retirado de: http://www.ieee.es/publicaciones-new/documentos-de-opinion/2020/DIEEE066_2020JORABA_percepcion.html.
- Statista. (2021, 31 de janeiro). Top 10 contributors of troops to United Nations peacekeeping missions. [Página *Statista*]. Retirado de:



- <https://www.statista.com/statistics/871432/largest-contributors-of-troops-to-united-nations-peacekeeping/>.
- Stokes, B. (2017). *Global Publics More Upbeat About the Economy. But many are pessimistic about children's future*. Whashington DC: Pew Research Center. Retirado de: <https://www.pewresearch.org/global/2017/06/05/global-publics-more-upbeat-about-the-economy/>.
- Thales. (2019, s.d.). O que é a tecnologia 5G? Quais suas características e usos. [Página *Thales*]. Retirado de: <https://www.thalesgroup.com/pt-pt/countries/americas/thales-brazil/dis/mobile/inspire-se/5g>.
- Thales. (2020, s.d.). Introducing 5G technology and networks (Speed, use cases and rollout). [Página *Thales*]. Retirado de: <https://www.thalesgroup.com/en/markets/digital-identity-and-security/mobile/inspired/5G>.
- The Diplomat. (2019, s.d.). Borrell: “Europe must be ready to use hard power when it is inevitable.” [Página *The Diplomat*]. Retirado de: <https://thediplomatinspain.com/en/2019/01/borrell-europe-cant-always-be-a-soft-power-it-must-use-hard-power-when-it-is-inevitable/>.
- The editors of Encyclopaedia Britannica. (2019, 16 de setembro). Unequal treaty. Chinese history. [Página *Encyclopaedia Britannica*]. Retirado de: <https://www.britannica.com/event/Unequal-Treaty>.
- The International Institute for Strategic Studies. (2020, s.d.). China Connects: From coal to code. [Página *IISS*]. Retirado de: https://www.iiss.org/topics/geo-economics/belt-and-road#anchor_1588777861331.
- The Rockefeller Foundation. (2010). *Scenarios for the future of technology and international development*. New York: Autor.
- The United States Office of the Secretary of Defense. (2020). *Annual report to Congress: Military and security developments involving the People's Republic of China. 2020*. Whashington DC: Autor.
- Tiankai, C. (2020, 2 de fevereiro). Remarks by ambassador Cui Tiankai at the forum on US-China relations. [Página *Embassy of the People's Republic of China in the United States of America*]. Retirado de: <http://www.china-embassy.org/eng/zmgxss/t1738974.htm>.
- Troxell, J. F. (2018). Geoeconomia. *Military Review*, 3(2), 22–41.
- Tse-Tung, M. (2020). *El libro rojo de Mao Tse-Tung*. (Trad. Gonzalo Luque Mazuelos) Madrid: Ombú Producciones.



- UN Department of Global Communications. (2020, 31 de março). UN tackles infodemic of misinformation and cybercrime in COVID-19. [Página *ONU*]. Retirado de: <https://www.un.org/en/un-coronavirus-communications-team/un-tackling-%E2%80%98infodemic%E2%80%99-misinformation-and-cybercrime-covid-19>.
- Yaffa, J. (2014, 2 de julho). Dmitry Kiselev is redefining the art of russian propaganda. [Página *Newrepublic*]. Retirado de: , <https://newrepublic.com/article/118438/dmitry-kiselev-putins-favorite-tv-host-russias-top-propogandist>.
- Yang, G. (2005, maio). *Unifying the three traditions in the New Era: The merging of three chinese traditions*. Paper apresentado na Universidade de Tsinghua, Tsinghua. Retirado de: <https://www.readingthechinadream.com/gan-yang-tongsantong-chapter-1.html>.
- Zeming, J. (2002, 8 de novembro). Jiang Zemin delivers report to the 16th CPC National Congress. [Página *Ministry of Foreing Affairs of the People's Republic of China*] Retirado de: https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/topics_665678/3698_665962/t18869.shtml.



Apêndice A – Análise de conteúdo

Os dados qualitativos, por causa de adquirir uma forma não numérica, não são passíveis dos tratamentos estatísticos baseados nos conceitos de frequência e probabilidade (Matos, 2006, p. 205). No entanto, o trabalho baseado nas anotações deve ser apurado e detalhado, com descrições e ideias (Pacheco, 2016, p. 11). Noutras palavras, “a codificação de uma situação é a representação desta, com alguns de seus elementos constitutivos, em interação. A descodificação é a análise crítica da situação codificada”(Freire & Shor, 2006, p. 112).

Portanto, para o tratamento dos dados obtidos, elabora-se uma análise de conteúdo tradicional, identificando o elemento central, elaborando categorias e identificando segmentos. O número de repetição de segmentos, ou das suas ideias associadas, determina a sua conversão em dados quantitativos (Guerra, 2014, p. 83).

Pretende-se identificar e classificar referências bibliográficas suficientes que permitam verificar os segmentos que justificam o elemento central. As referências bibliográficas abrangem documentos de análise ou relatórios de instituições ou atores de prestígio internacional, declarações de líderes políticos, notícias verificadas em distintas fontes e, relativamente às subcategorias técnicas, documentos técnicos.

Como elemento central estabelece-se a intenção chinesa de providenciar uma mudança na ordem mundial.

Determinam-se três categorias, a económica, a estratégica e a cognitiva coincidentes com os três OE estabelecidas no presente TII. Julga-se que a mudança da ordem mundial planeada pela RPC alicerça-se sobre três pilares; a criação e o desenvolvimento de ligações comerciais sem gerar interferências que possam gerar uma perceção desfavorável das intenções chinesas; os preceitos da sua grande estratégia, na que tornam-se de grande relevância a sua visão cultural e a sua perceção do tempo, extremamente distante da perceção ocidental; as interações no domínio cognitivo, neste caso no europeu, sendo que julga-se que a RPC pretende impor no domínio cognitivo europeu determinadas sensações com o intuito de favorecer a sua ascensão geopolítica.

Estabelecem-se 11 segmentos:

- Categoria económica:
 - 1.1: A RPC visa exercer a liderança dos países em vias de desenvolvimento.
 - 1.2: A RPC aceita todos os sistemas políticos nas suas alianças.



- 1.3: A RPC pretende ser a potência líder no seu espaço regional.
- 1.4: A BRI gera ligações comerciais com o intuito de atingir a hegemonia financeira sobre os seus parceiros.
- Categoria estratégica:
 - 2.1: A RPC constitui-se num dos atores estatais das ameaças híbridas contra a Europa.
 - 2.2: Parte da grande estratégia da RPC alicerça-se na procura da comunidade de futuro partilhado.
 - 2.3: A grande estratégia chinesa visa estabelecer uma ditadura digital noutros países.
- Categoria cognitiva:
 - 3.1: A RPC pretende difundir mensagens no domínio cognitivo europeu com o intuito de deslegitimar a história europeia.
 - 3.2: A RPC pretende difundir mensagens no domínio cognitivo europeu com o intuito de deslegitimar o atual sistema internacional.
 - 3.3: A RPC pretende difundir mensagens no domínio cognitivo europeu com o intuito mostrar aos cidadãos europeus as fraquezas dos seus sistemas político-económico-social.
 - 3.4: A RPC pretende difundir mensagens no domínio cognitivo europeu com o intuito mostrar aos cidadãos europeus as virtudes do sistema político-económico-social chinês.

A seguir, mostra-se no quadro 3 a análise de conteúdo efetuado. Os diferentes documentos de estudo recebem um fator multiplicador entre 1 e 3, em função da menor a maior relevância do texto.

No gráfico 7 apresentam-se os resultados obtidos em cada um dos diferentes segmentos. A categoria económica obtém os maiores valores. As categorias estratégica e económica obtêm uns valores semelhantes, com a exceção do segmento 3.4. O segmento 3.4, referido a intenção chinesa de mostrar aos cidadãos europeus as virtudes dos seus sistemas político, económico e social, obtém o segundo valor mais elevado do estudo.



Quadro 4 – Análise de conteúdo

Fonte: Autor

	Elemento central	A China pretende mudar a ordem mundial																					
	Categoria	Económica								Estratégica						Cognitiva							
	Segmento	1.1 Líder p. desenvolvimento		1.2 Aceitação sist. políticos		1.3 Potência regional		1.4 BRI hegem. finan.		2.1 China ameaça híbr.		2.2 Futuro partilhado		2.3 Ditadura digital		3.1 Deslegitim. história		3.2 Deslegitim. SI		3.3 Deslegitim. EU		3.4 Virtudes China	
Referência bibliográfica	Multiplicador	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.
Alfárez, N. P. (2020). Redes sociales y COVID. Herramientas para infodemia. Madrid: IEEE	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1
Alta Representante da UE para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança. (2016). Comunicação conjunta ao Parlamento Europeu e ao Conselho. Quadro comum em matéria de luta contra as ameaças híbridas. Bruxelas: Comissão Europeia.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Angela Stanzel, Rolland, N., Jacob, J., & Hart, M. (2017). Grand designs: Does China have a 'Grand Strategy'? Londres: European Council on Foreign Relations	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Baños, P. (2020). El dominio mental. La geopolítica de la mente. Barcelona: Editorial Planeta	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
BBC News. (2020). RCEP: Asia-Pacific countries form world's largest trading bloc. 16 de novembro. [Página BBC].	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Belt and Road Research Platform. (2021). The BRI And China's international trade map. 1 de março. [Página Belt and Road Research Platform]	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Beskow, D. M., & Carley, K. M. (2019). La ciberseguridad social: Un ámbito emergente de la seguridad nacional. Military Review, 19(2), 23-33	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0
Blackwill, R. D., & Harris, J. M. (2016). War by Other Means: Geoeconomics and statecraft. Cambridge: The Belnap Press of Harvard University Press	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1
Borrell, J. (2020). EU HRVP Josep Borrell: The Coronavirus pandemic and the new world it is creating. 24 de março. [Página Delegation of the European Union to China].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
Brattberg, E., & Corre, P. Le. (2020). COVID-19 Isn't turning Europe pro-China, yet. 15 de abril. [Página The Diplomat].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1
Buesa, A. (2020). China: impacto de la pandemia y reactivación económica. Madrid: Banco de España.	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Calvo Alberro, J. L., Rodríguez, D. D., Millás, V. M., Peirano, M., & Yeste, M. P. (2020). Implicaciones en el ámbito cognitivo en las operaciones militares. Madrid: Centro Superior de Estudios de la Defensa Nacional.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1



A China de 2021 face à segurança e defesa da União Europeia no domínio cognitivo.

	Elemento central	A China pretende mudar ordem mundial																					
	Categoria	Económica								Estratégica						Cognitiva							
	Segmento	1.1 Líder p. desenvolvimento		1.2 Aceitação sist. políticos		1.3 Potência regional		1.4 BRI hegem. finan.		2.1 China ameaça híbr.		2.2 Futuro partilhado		2.3 Ditadura digital		3.1 Deslegitim. história		3.2 Deslegitim. SI		3.3 Deslegitim. EU		3.4 Virtudes China	
		Multiplicador	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor
Referência bibliográfica																							
Cardenal, J. P., Kucharczyk, J., Meseznikov, G., & Pleschova, G. (2017). Sharp power: rising authoritarian influence. Whashington DC: National Endowment for Democracy	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1
Centre for Economics and Business Research. (2020). World economic league table 2021. Londres: Autor	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Centro de Informações e Segurança Militares. (2021). Intelligentia. Boletim informativo do Centro de Informações e Segurança Militares. Lisboa: Estado-Maior-General das Forças Armadas portuguesas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1
Coratella, T. (2020). The dangers of crisis diplomacy: Italy, China and Russia. 17 de abril. [Página European Council on Foreign Relations].	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1
Crilley, R. (2018). Book review essay. International relations in the age of ‘post-truth’ politics. International Affairs, 94(2), 417–425.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
Cuesta, B. L. (2021). La política exterior de China y la comunidad de futuro compartido. Madrid: IEEE.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1
Deutsche Welle. (2021). China supera por primera vez a Estados Unidos como principal socio comercial de la UE. 15 de fevereiro. [Página Deutsche Welle].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Dicken, P. (2015). The center of gravity shifts: Transforming the geographies of the global economy. Londres: SAGE Publications Ltd	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dombrovskis, V. (2021). Introductory remarks by Executive Vice-President Valdis Dombrovskis at the launch of the Open, Sustainable and Assertive Trade Policy Press Conference. 18 de fevereiro. [Página European Commission].	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Dong, J. (2020). China. Understanding the 14th five-year plan and the 2035 long-term development target. Madrid: BBVA Researches.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Eckert, A., & Higgins, D. (2020). Cronologia dos principais momentos de um surto na China que evoluiu para pandemia global. [Página SIC Notícias].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Eizaguirre, A. (2005). Gil Calvo, Enrique. El miedo es el mensaje: Riesgo, incertidumbre y medios de comunicación. Papers, 75(301), 171–180.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0
Engstrom, J. (2018). Systems Confrontation and System Destruction Warfare. How the Chinese People’s Liberation Army seeks to wage modern warfare. California: RAND Corporation.	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Eurostat. (2021). Euro area international trade in goods surplus €17.7 bn. Bruxelas: Autor.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Fisher, J. (2020). What kind of great power can Europe become? [Página New Europe].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Freire, P., & Shor, I. (2006). Medo e ousadia. O cotidiano do professor. São Paulo: Paz e terra	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0
Fundo Monetário Internacional. (2020). World economic outlook. A Long and Difficult Ascent. Whashington DC: Autor.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Fundo Monetário Internacional. (2021). Informes de perspectivas de la economía mundial. Washington, D.C.: Autor.	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Fundo Monetário Internacional. (2021). World economic outlook. Managing divergent recoveries. Whashington DC: Autor	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
García, E. J. (2021). ¿Un aglobalización armada de China? Madrid: IEEE.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1
Gisela, G. (2020). China’s economic recovery and dual circulation model. Bruxelas: Parlamento Europeu.	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		0
Gutierrez, P. A. (2018). ¿Cómo ve el mundo China? De Confucio al siglo de la humillación. 17 de outubro [Página Debate21].	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1



A China de 2021 face à segurança e defesa da União Europeia no domínio cognitivo.

	Elemento central	A China pretende mudar ordem mundial																					
	Categoria	Económica								Estratégica						Cognitiva							
	Segmento	1.1 Líder p. desenvolvimento		1.2 Aceitação sist. políticos		1.3 Potência regional		1.4 BRI hegem. finan.		2.1 China ameaça híbr.		2.2 Futuro partilhado		2.3 Ditadura digital		3.1 Deslegitim. história		3.2 Deslegitim. SI		3.3 Deslegitim. EU		3.4 Virtudes China	
Referência bibliográfica	Multiplicador	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.
Harper, T. (2019). How the century of humiliation influences China's ambitions today. 19 de julho [Página University of Exeter Centre for Imperial & Global History].	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Heginbotham, E., Nixon, M., Morgan, F., Heim, J., Hagen, J., Li, S., Engstrom, J., Libicki, M., Deluca, P., Shlapak, D., Frelinger, D., Laird, B., Brady, K., & Morris, L. (2018). The U.S.-China military scorecard: forces, geography, and the evolving balance of power, 1996-2017. California: RAND Corporation.	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Huang, B., & Xia, L. (2018). China economic watch. ODI from the Middle Kingdom: What's next after the big turnaround? Madrid: BBVA Researches.	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Inkster, N. (2021). Entrevistado por Meia Nouwens [Webinar]. 18 de janeiro. Conselheiro sênior da cibersegurança e da China no International Institute for Strategic Studies.	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1
Institute for Security & Development Policy. (2018). Made In China 2025: Backgrounder report. Estocolmo: Autor.	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1
Instituto de Seguridad y Cultura. (2021). El panorama geoestratégico mundial. General de Brigada Francisco José Dacoba. Director del Instituto Español de Estudios Estratégicos. [Video online].	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Jinping, X. (2017). Secure a decisive victory in building a moderately prosperous society in all respects and strive for the great success of socialism with chinese characteristics for a new era Xi Jinping. Outubro Relatório apresentado no 19o Congresso Nacional do Partido Comunista da China, Pequim.	3	1	3	1	3	1	3	1	3	0	0	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3
Jowett, P. (2013). China's Wars. Rousing the Dragon 1894-1949. Oxónia: Osprey Publishing.	1	0	0	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
Kai, J. (2013). Can China build a community of common destiny? 28 de novembro. [Página The Diplomat].	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1
Kennan, G. F. (1947). The sources of soviet conduct. Julho. [Página Foreign Affairs].	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Khalil, L. (2020). Digital Authoritarianism, China and COVID. Sydney: Lowy Institute Analyses.	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Liang, Q., & Xiangsui, W. (1999). Unrestricted warfare. Pekin: PLA Literature and Arts Publishing House.	2	0	0	0	0	0	0	1	2	1	2	0	0	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
Lons, C., & Nouwens, M. (2021). China-Iran deal: much ado about nothing? 7 de abril. [Página International Institute for Strategic Studies].	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
Manfredi, J. L. (2021). El impacto de COVID-19 en la narrativa estratégica internacional. Madrid: IEEE.	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1
Masaki, Y., Yasuhito, F., Hiroshi, I., & Rira, M. (2020). NIDS China Security Report 2021. China's Military Strategy in the New Era. Tokio: The National Institute for Defense Studies.	3	1	3	1	3	1	3	1	3	1	3	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	3
Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China. (n.d.). Chairman Mao Zedong's theory on the division of the three world and the strategy of forming an alliance against an opponent. s.d. [Página Ministry of Foreign Affairs of the People's Republic of China].	2	1	2	1	2	1	2	0	0	0	0	1	2	0	0	1	2	1	2	0	0	1	2
Neethling, T. (2015). China's international peacekeeping contributions and the evolution of contemporary chinese strategic considerations. Strategic Review for Southern Africa, 37(2), 7-28.	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Nieves, V. (2019). China gana la partida economica mundial. [Página El Economista]	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1
Nouwens, M. (2021). China's Digital Silk Road: Integration into national IT infrastructure and wider implications for Western defence industries. Londres: The International Institute for Strategic Studies.	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1
NSC Total. (2013). Confira as 12 lições do General Sun Tzu.pdf. [Página NSC Total]	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1
Nye, J. S. (2004). Power in a global information age: from realism to globalization. Londres, Nueva Iorque: Routledge.	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0



A China de 2021 face à segurança e defesa da União Europeia no domínio cognitivo.

	Elemento central	A China pretende mudar a ordem mundial																					
	Categoria	Económica								Estratégica						Cognitiva							
	Segmento	1.1 Líder p. desenvolvimento		1.2 Aceitação sist. políticos		1.3 Potência regional		1.4 BRI hegem. finan.		2.1 China ameaça híbr.		2.2 Futuro partilhado		2.3 Ditadura digital		3.1 Deslegitim. história		3.2 Deslegitim. SI		3.3 Deslegitim. EU		3.4 Virtudes China	
Referência bibliográfica	Multiplicador	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.
Nye, J. S. (2017). Soft power: the origins and political progress of a concept. Palgrave Communications, 3(1), 1–3. https://doi.org/10.1057/palcomms.2017.8	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
O'Brien, R. C. (2020). How China threatens American Democracy. 21 de outubro [Página Foreign Affairs].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0
Our world in data. (2021). Evolução da população. 24 de abril. [Página Our World in Data].	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Pellicer, L. (2021). La Unión Europea rediseña su política comercial para hacer frente a EEUU y China. 18 de fevereiro. [Página El País].	1	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Piqué, J. (2021). EEUU necesita un telegrama largo sobre China. 5 de fevereiro. [Página Política Exterior].	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
Pomeranz, K. (2001). The great divergence. China, Europe and the making of the modern world. Nueva Jersey: Princeton University Press.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0
RCEP. (2020a). ASEAN hits historic milestone with signing of RCEP. 15 de novembro. [Página RCEP].	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RCEP. (2020b). RCEP, a new trade agreement that will shape global economics and politics. 1 de dezembro. [Página RCEP].	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Real Instituto Elcano. (2021). Índice presencia global del Real Instituto Elcano. 19 de abril. [Página Real Instituto Elcano].	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Riesco, J. A. G. (2021). Miedo y guerra. Madrid: IIEE.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
Roselle, L., Miskimmon, A., & O'Loughlin, B. (2014). Strategic narrative: A new means to understand soft power. Media, War and Conflict, 7(1), 70–84.	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1
Rudd, K. (2021). Short of war. How to keep U.S.-Chinese confrontation from ending in calamity. 01 de abril. [Página Foreign Affairs].	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1
Santayana, J. P. de. (2021a). ¿Y china qué? ¿habrá un telegrama largo para la UE? Madrid: IIEE.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0
Santayana, J. P. de. (2021b). Modernización de las Fuerzas Armadas chinas. Madrid: Instituto Español de Estudios Estratégicos.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Schwab, K., & Malleret, T. (2020). Covid-19: The great reset. Genève: Forum Publishing	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
Serrano, G. L. (2020). Cuadernos de estrategia 207. Rpercusiones estratégicas del desarrollo tecnológico. Impacto de las tecnologías emergentes en el posicionamiento estratégico de los países. Madrid: Ministério de Defensa de España.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Shi-Kupfer, K., & Ohlberg, M. (2019). China's digital rise. Challenges for Europe. Papers on China, 7, 1–58.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1
Soto, J. A. (2020). La guerra de percepción en la crisis de la COVID-19. Madrid: IIEE.	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1
Statista. (2021). Top 10 contributors of troops to United Nations peacekeeping missions. 31 de janeiro. [Página Statista].	1	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
Stokes, B. (2017). Global Publics More Upbeat About the Economy. But many are pessimistic about children's future. Whasington DC: Pew Research Center.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0



A China de 2021 face à segurança e defesa da União Europeia no domínio cognitivo.

	Elemento central	A China pretende mudar a ordem mundial																					
	Categoria	Económica								Estratégica						Cognitiva							
	Segmento	1.1 Líder p. desarrollo		1.2 Aceitação sist. políticos		1.3 Potência regional		1.4 BRI hegem. finan.		2.1 China ameaça híbr.		2.2 Futuro partilhado		2.3 Ditadura digital		3.1 Deslegitim. história		3.2 Deslegitim. SI		3.3 Deslegitim. EU		3.4 Virtudes China	
Referência bibliográfica	Multiplicador	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.	Valor	V. corr.
Thales. (2019). O que é a tecnologia 5G? Quais suas características e usos (2019). [Página Thales].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Thales. (2020). Introducing 5G technology and networks (Speed, use cases and rollout). [Página Thales].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
The Diplomat. (2019). Borrell: “Europe must be ready to use hard power when it is inevitable.” [Página The Diplomat].	2	0	0	1	2	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0
The editors of Encyclopaedia Britannica. (2019). Unequal treaty. Chinese history. 16 de setembro [Página Encyclopaedia Britannica].	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
The International Institute for Strategic Studies. (2020). China Connects: From coal to code. s.d. [Página IISS].	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
The Rockefeller Foundation. (2010). Scenarios for the future of technology and international development. New York: Autor.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0
The United States Office of the Secretary of Defense. (2020). Annual report to Congress: Military and security developments involving the People’s Republic of China. 2020. Whashington DC: Autor.	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	0	0	1	2	0	0	1	2	0	0	1	2
Tiankai, C. (2020). Remarks by ambassador Cui Tiankai at the forum on US-China relations. 2 de fevereiro. [Página Embassy of the People’s Republic of China in the United States of America].	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Troxell, J. F. (2018). Geoeconomia. Military Review, 3(2), 22–41	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1
UN Department of Global Communications. (2020). UN tackles infodemic of misinformation and cybercrime in COVID-19. 31 de março. [Página UN].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0
Yaffa, J. (2014). Dmitry Kiselev is redefining the art of russian propaganda. 2 de julho. [Página Newrepublic].	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0
Yang, G. (2005). Unifying the three traditions in the New Era: The merging of three chinese traditions. maio. Paper apresentado na Universidade de Tsinghua, Tsinghua.	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1
Zedong, M. (2020). El libro rojo de Mao Zedong. (Trad. Gonzalo Luque Mazuelos) Madrid:	1	1	1	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1
Zeming, J. (2002). Jiang Zemin delivers report to the 16th CPC National Congress. 8 de novembro. [Página Ministry of Foreign Affairs of the People’s Republic of China]	2	1	2	1	2	1	2	1	2	0	0	1	2	1	2	0	0	1	2	0	0	1	2
SOMA		46	53	37	45	50	57	51	59	21	25	36	42	26	29	17	19	38	42	26	28	49	57

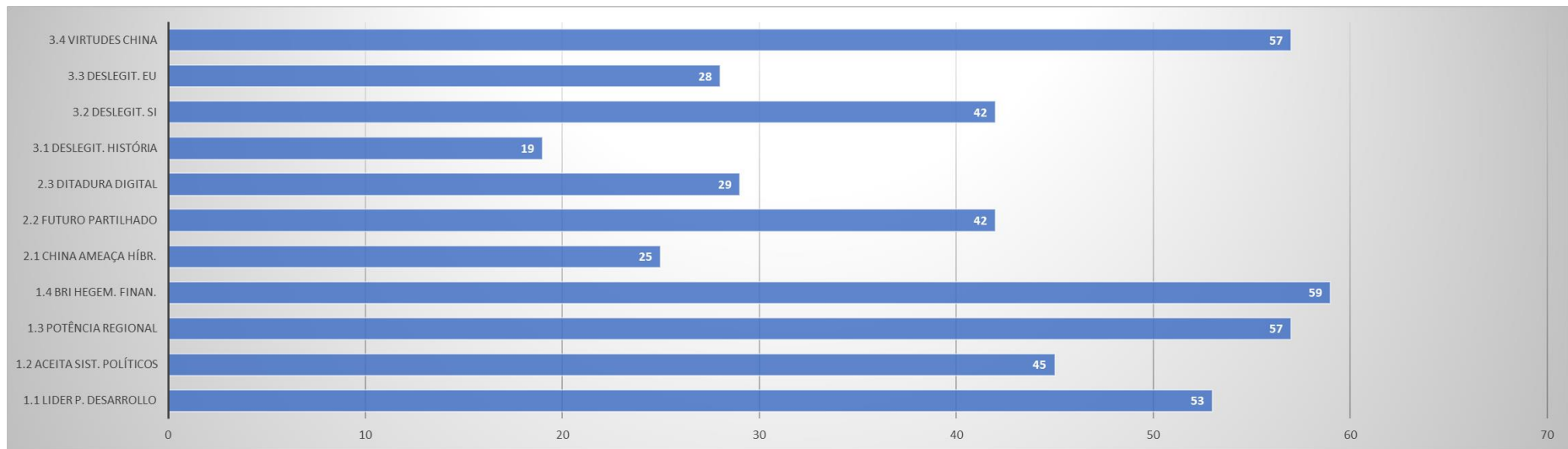


Gráfico 7 – Resultados por segmentos da análise documental

Fonte: Autor



Apêndice B – Entrevistas

Para apoiar os resultados obtidos no apêndice A, análise de conteúdo, na última fase da elaboração desta pesquisa contata-se com autores das referências bibliográficas analisadas. Apresenta-se a os referidos autores um questionário com o intuito de analisar a sua opinião sobre: as intenções da República Popular da China de exercer influência no domínio cognitivo da União Europeia; a necessidade da União Europeia de representar esta ameaça potencial ao desenvolvimento das suas capacidades de segurança e defesa; as linhas de influência que podem ser desenvolvidas pela República Popular da China e as que deveriam ser preocupantes no quadro da segurança e defesa europeias.

A seguir coloca-se o curriculum dos autores.

Pedro Baños Bajo é Coronel retirado de Estado-Maior do Exército espanhol. Considerado um dos maiores especialistas espanhóis em geopolítica, defesa, segurança, estratégia, terrorismo, inteligência e relações internacionais é autor de três livros no âmbito da geopolítica e do controlo mental. Participa em multitudine de programas de televisão, rádio e *internet*.

Juan Luis Manfredi Sánchez é professor de Jornalismo na Universidade de *Castilla La Mancha*. Autor de mais de 30 artigos académicos sobre inovação, diplomacia e comunicação política internacional. Principal investigador do projeto “*Comunicação pública, transparência, responsabilidade e participação nos governos locais*”. Investigador principal para Espanha do projeto *European Media Policies Revisited: Valuing & Reclaiming Free and Independent Media in Contemporary Democratic Systems*. Projeto que obteve um financiamento de 2,65 milhões de euros e que demorou por mais de três anos.

José Pardo de Santayana y Gómez de Olea é Coronel de Estado-Maior, coordenador de investigações e analista principal do Instituto Espanhol de Estudos Estratégicos. Possui uma dilatada experiência internacional entre a que destaca a indigitação como adido militar na embaixada de Espanha em Havana como adido militar. Autor de várias publicações sobre questões estratégicas atuais e passadas, é membro titular da Fundação da Academia de Ciências e Artes Militares, membro colaborador da Academia de História de Cuba e presidente da Fundação Tomás Moro.

Lluís Torres Amurgo possui uma ampla experiência como analista de políticas públicas, planos estratégicos do setor privado e desenvolvimento e prática de estratégias de lobby político. Com a organização Amnistia Internacional promove dois projetos de cooperação nos campos de refugiados da fronteira greco-macedónia.



Ignacio Nieto Fernández, chefe do Centro de Operações Eletromagnéticas do Estado Maior da Defesa de Espanha, é autor de vários artigos relativos às capacidades de dissuasão estratégica das operações eletromagnéticas e às atividades chave da defesa após a COVID-19.

O questionário compõe-se de 3 perguntas como apresenta-se na figura 7. Nas duas primeiras os entrevistados têm de determinar a sua concordância com o inquérito apresentado.

Inquérito 1: Considera que a República Popular da China pretende exercer a sua influência no domínio cognitivo da União Europeia em benefício dos seus interesses? Mostram-se os resultados no gráfico 8.

Inquérito 2: Considera que a União Europeia deve ponderar a proteção do seu domínio cognitivo do ponto de vista da segurança e da defesa? Mostram-se os resultados no gráfico 8.

Na terceira pergunta apresentam-se 8 possíveis linhas de influência a desenvolver pela República Popular da China sobre o domínio cognitivo europeu. Os entrevistados devem determinar se consideram que cada uma das linhas de influência são suscetíveis de serem desenvolvidas pela República Popular da China e se consideram que a União Europeia tem de as incluir nos seus planos de segurança e defesa. Oferece-se aos entrevistados a possibilidade de colocar novas linhas de influência que considerarem relevantes. Apresentam-se os resultados na gráfica 9.

Apresenta-se a seguir uma categorização das linhas de influência apresentadas, em relação com as categorias e os segmentos apresentados no apêndice A:

- Categoria económica:
 - As associações comerciais chinesas contribuem para o desenvolvimento económico de seus parceiros sem restrições políticas ou culturais. Segmentos 1.1, 1.2, 1.3 e 1.4.
 - A República Popular da China exerce liderança em suas áreas de influência de maneira respeitosa. Segmento 1.2.
 - O sistema internacional estabelecido pelo Ocidente é injusto e exclusivo. Segmentos 1.2 e 1.4.
- Categoria estratégica:
 - A República Popular da China exerce liderança em suas áreas de influência de maneira respeitosa. Segmento 2.2.



- O sistema internacional estabelecido pelo Ocidente é injusto e exclusivo. Segmento 2.2.
- Categoria cognitiva:
 - O sistema internacional é deslegitimado pelos abusos históricos do Ocidente. Segmentos 3.1 e 3.2.
 - O sistema internacional estabelecido pelo Ocidente é injusto e exclusivo. Segmento 3.2.
 - Os partidos políticos da União Europeia não representam os seus cidadãos. Segmento 3.3.
 - O atual sistema europeu é fraco e leva ao fracasso. Segmento 3.3.
 - O sistema de governo chinês é baseado em uma tradição milenar e pacifista. Segmento 3.4.
 - A República Popular da China é um país solvente, confiável e eficiente. Segmento 3.4.

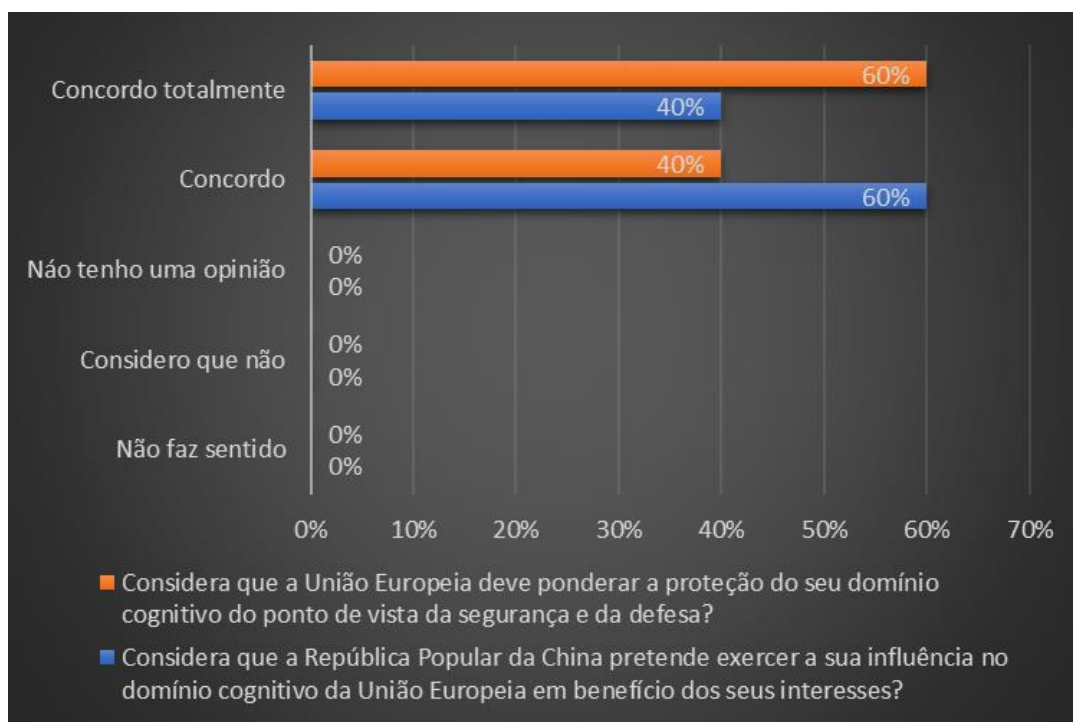


Gráfico 8 – Resultados aos inquéritos 1 e 2

Fonte: Autor



A China de 2021 face à segurança e defesa da União Europeia no domínio cognitivo.



Gráfico 9 – Resultados ao inquérito 3

Fonte: Autor

CUESTIONARIO DE APOYO A LA INVESTIGACIÓN

1.- ¿Considera que la República Popular de China tiene la intención de ejercer su influencia en el dominio cognitivo de la Unión Europea en beneficio de sus intereses?
100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ 100% de acuerdo

2.- ¿Considera que la Unión Europea debe plantear la protección de su dominio cognitivo desde la óptica de la seguridad y defensa?
100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ 100% de acuerdo

3.- De las siguientes líneas de influencia, marque con una X las que considere que pretenden ser desarrolladas por la República Popular de China sobre el dominio cognitivo europeo y aquellas que la Unión Europea debe incluir en sus planes de seguridad y defensa.

Línea de influencia	A desarrollar por la República Popular de China	A incluir en los planes de seguridad y defensa de la Unión Europea
El sistema internacional está deslegitimado por los abusos históricos de Occidente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema internacional establecido por Occidente es injusto y excluyente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Los partidos políticos de la Unión Europea no representan a sus ciudadanos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El actual sistema europeo es débil y conduce al fracaso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema de gobierno chino se basa en una tradición milenaria y pacifista.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China es un país solvente, fiable y eficaz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China ejerce el liderazgo de sus áreas de influencia de forma respetuosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las asociaciones comerciales chinas contribuyen al desarrollo económico de sus socios sin imposiciones políticas o culturales.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ninguna de las anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Otras: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Figura 7 – Questionário para as entrevistas

Fonte: Autor.



As entrevistas efetuadas resultam esclarecedoras relativamente às duas primeiras perguntas e que conformam a base da totalidade da investigação desenvolvida. Todos os entrevistados, expertos na matéria alvo de estudo e autores de diferentes artigos de contrastada qualidade, coincidem em apontar que há uma clara intenção por parte da RPC de exercer a sua influência no domínio cognitivo da UE em benefício dos seus interesses. Alias, é considerado de forma unânime que a UE deve ponderar a proteção do seu domínio cognitivo do ponto de vista da segurança e da defesa.

Após os resultados obtidos, os quais podem ser verificados da figura 8 à 14, e tendo em conta a análise de conteúdo desenvolvido detalhadamente no apêndice A, consideram-se confirmadas três grandes áreas sobre as que a China pretende construir as suas narrativas de influência no domínio cognitivo europeu. Em primeiro lugar, deteta-se um discurso de deslegitimação da realidade ocidental. Em segundo lugar, percebe-se que existe a intenção de acrescentar o medo da sociedade ocidental a enfrentar as suas debilidades ou fraquezas. Finalmente, considera-se que se tenta gerar um novo modelo de sociedade a partir da divulgação constante das bondades do sistema chinês e as suas cada vez maiores capacidades de liderança num mundo com uma incerteza crescente.



CUESTIONARIO DE APOYO A LA INVESTIGACIÓN

1.- ¿Considera que la República Popular de China tiene la intención de ejercer su influencia en el dominio cognitivo de la Unión Europea en beneficio de sus intereses?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

2.- ¿Considera que la Unión Europea debe plantear la protección de su dominio cognitivo desde la óptica de la seguridad y defensa?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

3.- De las siguientes líneas de influencia, marque con una X las que considere que pretenden ser desarrolladas por la República Popular de China sobre el dominio cognitivo europeo y aquellas que la Unión Europea debe incluir en sus planes de seguridad y defensa.

Línea de influencia	A desarrollar por la República Popular de China	A incluir en los planes de seguridad y defensa de la Unión Europea
El sistema internacional está deslegitimado por los abusos históricos de Occidente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
El sistema internacional establecido por Occidente es injusto y excluyente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Los partidos políticos de la Unión Europea no representan a sus ciudadanos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El actual sistema europeo es débil y conduce al fracaso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema de gobierno chino se basa en una tradición milenaria y pacifista.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
La República Popular de China es un país solvente, fiable y eficaz.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China ejerce el liderazgo de sus áreas de influencia de forma respetuosa.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Las asociaciones comerciales chinas contribuyen al desarrollo económico de sus socios sin imposiciones políticas o culturales.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ninguna de las anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Otras: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Figura 8 – Resposta 1 ao questionário



CUESTIONARIO DE APOYO A LA INVESTIGACIÓN

1.- ¿Considera que la República Popular de China tiene la intención de ejercer su influencia en el dominio cognitivo de la Unión Europea en beneficio de sus intereses?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

2.- ¿Considera que la Unión Europea debe plantear la protección de su dominio cognitivo desde la óptica de la seguridad y defensa?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

3.- De las siguientes líneas de influencia, marque con una X las que considere que pretenden ser desarrolladas por la República Popular de China sobre el dominio cognitivo europeo y aquellas que la Unión Europea debe incluir en sus planes de seguridad y defensa.

Línea de influencia	A desarrollar por la República Popular de China	A incluir en los planes de seguridad y defensa de la Unión Europea
El sistema internacional está deslegitimado por los abusos históricos de Occidente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema internacional establecido por Occidente es injusto y excluyente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Los partidos políticos de la Unión Europea no representan a sus ciudadanos.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El actual sistema europeo es débil y conduce al fracaso.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema de gobierno chino se basa en una tradición milenaria y pacifista.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
La República Popular de China es un país solvente, fiable y eficaz.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
La República Popular de China ejerce el liderazgo de sus áreas de influencia de forma respetuosa.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Las asociaciones comerciales chinas contribuyen al desarrollo económico de sus socios sin imposiciones políticas o culturales.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Ninguna de las anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Otras: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Figura 9 – Resposta 2 ao questionário



CUESTIONARIO DE APOYO A LA INVESTIGACIÓN

1.- ¿Considera que la República Popular de China tiene la intención de ejercer su influencia en el dominio cognitivo de la Unión Europea en beneficio de sus intereses?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

2.- ¿Considera que la Unión Europea debe plantear la protección de su dominio cognitivo desde la óptica de la seguridad y defensa?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

3.- De las siguientes líneas de influencia, marque con una X las que considere que pretenden ser desarrolladas por la República Popular de China sobre el dominio cognitivo europeo y aquellas que la Unión Europea debe incluir en sus planes de seguridad y defensa.

Línea de influencia	A desarrollar por la República Popular de China	A incluir en los planes de seguridad y defensa de la Unión Europea
El sistema internacional está deslegitimado por los abusos históricos de Occidente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema internacional establecido por Occidente es injusto y excluyente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Los partidos políticos de la Unión Europea no representan a sus ciudadanos.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
El actual sistema europeo es débil y conduce al fracaso.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
El sistema de gobierno chino se basa en una tradición milenaria y pacifista.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China es un país solvente, fiable y eficaz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China ejerce el liderazgo de sus áreas de influencia de forma respetuosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las asociaciones comerciales chinas contribuyen al desarrollo económico de sus socios sin imposiciones políticas o culturales.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ninguna de las anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Otras: <input checked="" type="checkbox"/> El desarrollo tecnológico de China se utiliza como instrumento de influencia mundial <input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Figura 10 – Resposta 3 ao questionário



CUESTIONARIO DE APOYO A LA INVESTIGACIÓN

1.- ¿Considera que la República Popular de China tiene la intención de ejercer su influencia en el dominio cognitivo de la Unión Europea en beneficio de sus intereses?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

2.- ¿Considera que la Unión Europea debe plantear la protección de su dominio cognitivo desde la óptica de la seguridad y defensa?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

3.- De las siguientes líneas de influencia, marque con una X las que considere que pretenden ser desarrolladas por la República Popular de China sobre el dominio cognitivo europeo y aquellas que la Unión Europea debe incluir en sus planes de seguridad y defensa.

Línea de influencia	A desarrollar por la República Popular de China	A incluir en los planes de seguridad y defensa de la Unión Europea
El sistema internacional está deslegitimado por los abusos históricos de Occidente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema internacional establecido por Occidente es injusto y excluyente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Los partidos políticos de la Unión Europea no representan a sus ciudadanos.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El actual sistema europeo es débil y conduce al fracaso.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema de gobierno chino se basa en una tradición milenaria y pacifista.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China es un país solvente, fiable y eficaz.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China ejerce el liderazgo de sus áreas de influencia de forma respetuosa.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las asociaciones comerciales chinas contribuyen al desarrollo económico de sus socios sin imposiciones políticas o culturales.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ninguna de las anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Otras: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Figura 11 – Resposta 4 ao questionário



CUESTIONARIO DE APOYO A LA INVESTIGACIÓN

1.- ¿Considera que la República Popular de China tiene la intención de ejercer su influencia en el dominio cognitivo de la Unión Europea en beneficio de sus intereses?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐ 100% de acuerdo

2.- ¿Considera que la Unión Europea debe plantear la protección de su dominio cognitivo desde la óptica de la seguridad y defensa?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ 100% de acuerdo

3.- De las siguientes líneas de influencia, marque con una X las que considere que pretenden ser desarrolladas por la República Popular de China sobre el dominio cognitivo europeo y aquellas que la Unión Europea debe incluir en sus planes de seguridad y defensa.

Línea de influencia	A desarrollar por la República Popular de China	A incluir en los planes de seguridad y defensa de la Unión Europea
El sistema internacional está deslegitimado por los abusos históricos de Occidente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema internacional establecido por Occidente es injusto y excluyente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Los partidos políticos de la Unión Europea no representan a sus ciudadanos.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
El actual sistema europeo es débil y conduce al fracaso.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
El sistema de gobierno chino se basa en una tradición milenaria y pacifista.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China es un país solvente, fiable y eficaz.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
La República Popular de China ejerce el liderazgo de sus áreas de influencia de forma respetuosa.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las asociaciones comerciales chinas contribuyen al desarrollo económico de sus socios sin imposiciones políticas o culturales.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Ninguna de las anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Otras: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Figura 12 – Resposta 5 ao questionário



CUESTIONARIO DE APOYO A LA INVESTIGACIÓN

1.- ¿Considera que la República Popular de China tiene la intención de ejercer su influencia en el dominio cognitivo de la Unión Europea en beneficio de sus intereses?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐ 100% de acuerdo

2.- ¿Considera que la Unión Europea debe plantear la protección de su dominio cognitivo desde la óptica de la seguridad y defensa?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☐ ☒ ☐ 100% de acuerdo

3.- De las siguientes líneas de influencia, marque con una X las que considere que pretenden ser desarrolladas por la República Popular de China sobre el dominio cognitivo europeo y aquellas que la Unión Europea debe incluir en sus planes de seguridad y defensa.

Línea de influencia	A desarrollar por la República Popular de China	A incluir en los planes de seguridad y defensa de la Unión Europea
El sistema internacional está deslegitimado por los abusos históricos de Occidente.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
El sistema internacional establecido por Occidente es injusto y excluyente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Los partidos políticos de la Unión Europea no representan a sus ciudadanos.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
El actual sistema europeo es débil y conduce al fracaso.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema de gobierno chino se basa en una tradición milenaria y pacifista.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China es un país solvente, fiable y eficaz.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China ejerce el liderazgo de sus áreas de influencia de forma respetuosa.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Las asociaciones comerciales chinas contribuyen al desarrollo económico de sus socios sin imposiciones políticas o culturales.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ninguna de las anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Otras: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Figura 13 – Resposta 6 ao questionário



CUESTIONARIO DE APOYO A LA INVESTIGACIÓN

1.- ¿Considera que la República Popular de China tiene la intención de ejercer su influencia en el dominio cognitivo de la Unión Europea en beneficio de sus intereses?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☒ ☐ 100% de acuerdo

2.- ¿Considera que la Unión Europea debe plantear la protección de su dominio cognitivo desde la óptica de la seguridad y defensa?

100% en desacuerdo ☐ ☐ ☐ ☒ ☐ 100% de acuerdo

3.- De las siguientes líneas de influencia, marque con una X las que considere que pretenden ser desarrolladas por la República Popular de China sobre el dominio cognitivo europeo y aquellas que la Unión Europea debe incluir en sus planes de seguridad y defensa.

Línea de influencia	A desarrollar por la República Popular de China	A incluir en los planes de seguridad y defensa de la Unión Europea
El sistema internacional está deslegitimado por los abusos históricos de Occidente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El sistema internacional establecido por Occidente es injusto y excluyente.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Los partidos políticos de la Unión Europea no representan a sus ciudadanos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
El actual sistema europeo es débil y conduce al fracaso.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
El sistema de gobierno chino se basa en una tradición milenaria y pacifista.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China es un país solvente, fiable y eficaz.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
La República Popular de China ejerce el liderazgo de sus áreas de influencia de forma respetuosa.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Las asociaciones comerciales chinas contribuyen al desarrollo económico de sus socios sin imposiciones políticas o culturales.	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ninguna de las anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Otras: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Figura 14 – Resposta 7 ao questionário